

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANDRÉIA FERREIRA PIMENTEL



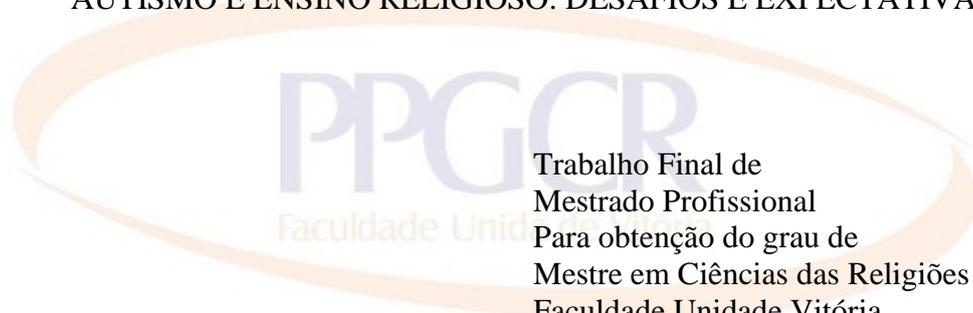
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 12/08/2020.

VITÓRIA
2020

ANDRÉIA FERREIRA PIMENTEL

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 12/08/2020.

AUTISMO E ENSINO RELIGIOSO: DESAFIOS E EXPECTATIVAS



Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ensino Religioso Escolar.

Orientador: Dr. David Mesquiati de Oliveira

Vitória – ES

2020

Pimentel, Andréia Ferreira

Autismo e ensino religioso / Desafios e expectativas / Andréia Ferreira
Pimentel. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.

ix, 72 f. ; 31 cm.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.

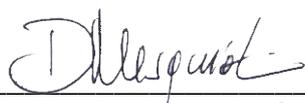
Referências bibliográficas: f. 68-72

1. Ciência da religião. 2. Ensino Religioso Escolar. 3. Autismo.
4. Aprendizagem. 5. Ensino religioso e autismo. - Tese. I. Andréia Ferreira
Pimentel. II. Faculdade Unida de Vitória, 2020. III. Título.

ANDRÉIA FERREIRA PIMENTEL

AUTISMO E ENSINO RELIGIOSO: DESAFIOS E EXPECTATIVAS

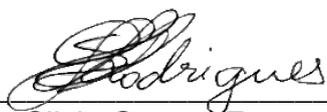
Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA (presidente)



Doutor Graham Gerald McGeoch – UNIDA



Doutora Silvia Geruza Fernandes Rodrigues



*“O conhecimento emerge apenas através da
invenção e da reinvenção, através da
inquietação, impaciente, contínua e
esperançosa investigação que os seres
humanos buscam no mundo, com o mundo e
uns com os outros.”*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao Pai Celestial, mesmo com minhas limitações permitiu-me ampliar meu conhecimento e concluir essa pesquisa. A minha mãe Maria Zilda Holanda Rocha, que desde a infância introduziu a importância dos estudos em minha vida. A minha cunhada Ciranilda Pimentel Machado, por expressar seu amor pela área da educação e me influenciar. Ao meu professor orientador Dr. David Mesquiati de Oliveira, que sugeriu eu explorar meus conhecimentos em uma área que eu já vivenciei, pois se não fosse naquele primeiro momento da orientação eu não teria tido esse olhar para o TEA. Também não posso deixar de agradecer meu professor de graduação Dr. Oscar Omar Carrasco Delgado, que sempre dizia que eu iria longe. E hoje quando estou na sala de aula, busco levar meus alunos a sonhar e alcançar o mais alto nível de conhecimento.

Agradeço aos familiares de meus alunos que permitiram a pesquisa e esclareceram dúvidas e deixaram-me acompanhá-los de perto, desde a escola como também em suas vidas particulares. Sou imensamente grata aos alunos do TEA que proporcionaram um conhecimento que jamais teria explorado sem eles, por levar-me a buscar meios e saber ouvir e ter atitudes diferentes. Agradeço ao grupo Força Azul que me acolheu e instruiu-me em assuntos pertinentes a pesquisa. Aos professores da educação inclusiva que tiveram toda a paciência para ajudar-me nas horas vagas, as gestoras das escolas que eu atuei durante esse tempo de minha pesquisa, aos meus colegas de trabalho que de alguma forma trouxe exemplos e apoiaram em minhas atividades.

E para finalizar quero agradecer imensuravelmente a meu esposo Wanderson Almeida Pimentel que sempre apoio em minhas decisões, deixando-me sonhar e realizar meus sonhos. Aos meus filhos Leonardo e Gabriela por acreditar em mim e elogiar-me por meus esforços, a minha nora Thulliana em meio as minhas aflições, acalentava minha alma com suas palavras. A todos meus familiares por ter tido a compreensão da minha ausência em eventos, rodas de conversa, passeios e viagens. Aos meus amigos de longas datas e da igreja que tiveram a sensibilidade de compreender minhas angústias em determinados momentos, e todos aqueles que de alguma forma passaram em minha vida, trazendo alegria e me fazendo ser melhor perante a sociedade, em pensamentos e ações. Meu muito obrigado!

RESUMO

A pesquisa abrange a história e conquistas das famílias de crianças com TEA. Participaram do estudo dois alunos, um com 16 anos e outro com 14. Foi necessária a aplicação de questionário junto aos familiares para entender o histórico e especificidade de cada um, bem como o seu envolvimento com o sagrado. É importante interagir, criar laços de confiança, aplicar atividades diferenciadas, recorte de revistas, pinturas, desenhos e diálogo com os alunos. Ouvir, compreender e estimular o aluno com TEA coloca em evidência que eles conseguem se desenvolver no ensino-aprendizagem, para tornarem-se autônomos na sociedade. Com o trabalho desenvolvido em sala de aula foi conquistada a confiança e potencializado a participação em projetos, que resultaram no reconhecimento do aluno com TEA.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Ciências das Religiões. Autismo. Aprendizagem.



ABSTRACT

Due research covers the history and achievements of the families of children with ASD. Two students participated in the study, one aged 16 and the other aged 14. It was necessary to apply questionnaires with family members to understand the history and specificity of each one, as well as their involvement with the sacred. It is important to interact, create bonds of trust, apply differentiated activities, magazine clipping, painting, drawings and dialogue with students. For listening, understanding and stimulating the student with ASD proves that they are able to develop in teaching and learning, to become autonomous in society. With the work developed in the classroom, trust was gained and participation in projects was enhanced, which resulted in the recognition of students with ASD.

Keywords: Religious education. Sciences of Religions. Autism. Learning.



LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estágios do Desenvolvimento Intelectual e Afetivo:	32
Tabela 2 – Divisão de categoria dos trabalhos	54
Tabela 3 - Critérios de seleção dos trabalhos (foto/desenho/texto):.....	55



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 AUTISMO, LEGISLAÇÃO, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO	14
1.1 Avanços na legislação brasileira.....	14
1.2 Avanços na construção da visão social do autismo.....	17
1.3 Pesquisas envolvendo autismo e diversidade religiosa	20
2 ENSINO-APRENDIZAGEM DE AUTISTAS	28
2.1 Afetividades, Comunicação e Interação	28
2.2 Teoria de aprendizagem de Vygotsky	34
2.3 Ensinar respeitando o outro	40
3 ANÁLISE DO APRENDIZADO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO ENSINO RELIGIOSO DA ESCOLA “PEDRO HERKENHOFF”	47
3.1 Análise do Projeto Político Pedagógico da UMEF “Pedro Herkenhoff”	47
3.2 Políticas públicas, projeto Clique na diversidade religiosa e cultural	49
3.3 Desenvolvimento e aprendizagem da criança autista no Ensino Religioso.....	56
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS.....	73

INTRODUÇÃO

Constituímo-nos sujeitos a partir do momento em que somos inseridos em uma dada comunidade sócio historicamente organizada. Observa-se, no entanto, que cada indivíduo, ainda que faça parte de um coletivo, tem a sua singularidade. É nesse sentido que compreendemos o sujeito com Transtorno do Espectro Autista, com suas potencialidades e especificidades que precisam ser adequadamente trabalhadas e mediadas pelo professor regente.

Ao finalizar minha graduação em Pedagogia, no ano de 2012, não fazia ideia de que focaria minha prática pedagógica no Ensino Religioso e na Educação Inclusiva, uma vez que meu interesse maior era nos processos envolvendo a alfabetização na Educação Infantil, porém sempre fiquei atenta às oportunidades que estavam ao meu alcance. Uma dessas oportunidades foi fazer parte de um curso de extensão de Ensino Religioso ofertado pela Prefeitura Municipal de Vitória, esse curso tinha como coordenador o professor José Mário e as aulas eram ministradas por palestrantes das próprias religiões, e nisso tive um amplo conhecimento da diversidade religiosa. Particularmente, meu conhecimento religioso era focalizado somente no cristianismo.

Assim, encantei-me com essa área do conhecimento e, ao finalizar, continuei o curso com a pós-graduação em Ensino Religioso. O trabalho de conclusão foi feito em cinco escolas que ofertavam a disciplina, e tinha como objetivo evidenciar o fato de que, mesmo tendo crenças, valores e ideologias, os professores que ministravam as disciplinas não induziam os alunos às suas crenças pessoais, mas a um repertório de possibilidades e de culturas distintas. Iniciei meu trabalho como professora de Ensino Religioso no Estado, em 2012, e na Prefeitura de Serra no ano seguinte. E em 2015, fui nomeada ao cargo de professora efetiva de Ensino Religioso do Município de Vila Velha.

Enquanto professora, sedenta de conhecimento, decidi ampliar meus estudos na área de Ciências das Religiões iniciando o mestrado no qual busquei entender a criança autista e como o professor de Ensino Religioso consegue ajudar esse aluno a entender a diversidade religiosa, isso me chamou atenção, pois, naquele momento, acompanhava um aluno autista que participou, nos dois anos seguintes, de um concurso elaborado pela Prefeitura Municipal de Vila Velha. O concurso, por sua vez, faz parte do “Entre Versos e Rimas”, uma competição cujo objetivo é a promoção da leitura e da escrita. O “Clique na Diversidade Cultural Religiosa”, no Município de Vila Velha foi um projeto centrado no Ensino Religioso e nas diversidades de crenças, tendo sido inserido em 2017; sendo uma conquista para o grupo

de professores de Ensino Religioso e, dessa maneira, podendo ser possível demonstrar a importância da diversidade religiosa¹. O aluno o qual acompanhei ao longo dos dois anos seguidos fez parte dos dois projetos; mostrando-se bastante participativo e com potencial, esse projeto é o “Clique na Diversidade Cultural e Religiosa”, que ocorre anualmente no Município de Vila Velha.

Com isso, passei a observar a criança autista, sua deficiência e porque tanto se fala em autismo nos últimos anos, foi criada uma lei específica em dezembro de 2012, diferente da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), sancionada em Dezembro de 1996. Na nova legislação de 2012 sobre o autismo, garantiu-se a inserção dos alunos público-alvo da Educação Especial preferencialmente em Rede Pública de Ensino, assim incluindo todas as deficiências, inclusive crianças diagnosticadas com a Síndrome de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os indivíduos com TEA apresentam uma ausência de reciprocidade social, isso levanta um questionamento de como crianças, adolescentes, jovens e adultos com autismo conseguem se inserir nos meios educacional e religioso. Desse modo, o professor de Ensino Religioso torna-se uma importante figura que, ao participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, pode ajudar o aluno autista a se socializar e a entender a diversidade religiosa no meio em que ele está inserido.

Destarte, essa pesquisa trará às Ciências das Religiões um entendimento mais aprofundado de como lidar com o diferente, sendo esse diferente uma pessoa, um ser humano, que está permeado de histórias, narrativas, crenças, valores, ideologias, etc. Ajudar a resolver problemas práticos na atuação do professor, como exercer melhor seu trabalho didático com esses alunos, integrá-los ao nosso meio e nos integrar ao universo deles, inserir da melhor forma possível nas aulas de Ensino Religioso, assim se pode ampliar os conhecimentos já existentes. Tais questões passam a ser a pergunta-problema, com o objeto central do estudo dessa pesquisa, já que se propõe a entender e a ajudar o aluno que é o portador do TEA, sua inserção na sociedade, nos âmbitos escolar e religioso, e a aceitação da diversidade religiosa. Tem como objetivo o estudo da criança autista, a interação interpessoal diante da diversidade religiosa.

Esta dissertação, portanto, teve como objetivo examinar as relações históricas, sociais, religiosas e familiares do aluno com TEA, observando se há interação social no meio em que essas crianças/adolescentes estão inseridas, conhecer as possíveis relações intersociais

¹ SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: Conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista de estudo da religião*, n. 2, p. 1-14, 2004. p. 9. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 06 out. 2019.

entre esses alunos autistas em grupos específicos em suas determinadas religiões, investigar quais meios viáveis para uma melhor relação com o outro e como pode ser minha postura enquanto professora de Ensino Religioso e de Educação Inclusiva. Esses questionamentos passaram a ser o objeto central do meu estudo, neste sentido, busquei entender e ajudar o aluno portador do TEA, sua inserção na sociedade, no âmbito escolar e religioso, e aceitação da diversidade religiosa.

Meu ponto de partida foi a observação analítica de bibliografias sobre o Autismo, como e quando iniciou o conhecimento da síndrome, quais dificuldades, a importância da rotina, como é possível acalmar e amenizar as crises, o amparo político, a diversidade religiosa, qual a contribuição do espaço religioso. A pesquisa de campo, com estudo de caso, foi dentro da própria escola onde trabalho, no Município de Vila Velha, situada no Bairro de Cobilândia. Nessa escola existem três alunos autistas, contudo, foquei em apenas dois dos discentes, sendo um do nono ano, no qual já conheço há três anos, e o outro é aluno da escola por alguns anos, porém é novo no horário vespertino, turno em que trabalho. Sendo assim, é recente meu contato com ele, foi observado que ele é um aluno agressivo, necessitando do professor constantemente ao seu lado e, o outro, é totalmente tranquilo, portanto, com a pesquisa em andamento foi possível fazer uma comparação da idade, além de saber do histórico de vida deles. Para Baptista², existe uma grande angústia dos profissionais da área de educação, uma vez que muitos desses profissionais ainda não sabem trabalhar com alunos autistas e ficam receosos com a possibilidade de ter crianças ou adolescentes portadores dessa síndrome dentro de sala de aula.

Assim, para amparar teoricamente a prática profissional dessa pesquisa dentro da escola UMEF “Pedro Herkenhoff”, que atende alunos do Bairro Cobilândia, no Ensino Fundamental 1 e 2, lançamos mão do arcabouço legado à educação nas obras de Paulo Freire; nascido em 1921 no Estado de São Paulo, sendo formado como pedagogo e filósofo. É considerado, mundialmente, um dos pensadores mais importantes da história da educação, tendo sido, então, utilizadas três grandes obras desse autor: Educação e Mudança, Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia.

Na década de 40, foi iniciado um estudo sobre o autismo por Leo Kanner³, que marcou profundamente obras psicanalíticas a respeito do autismo, espectro que acomete uma

² BAPTISTA, Cláudio Roberto. *Autismo e educação: reflexão e proposta de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

³ TELLES, Cynara Maria Andrade. *Autismo: Um acontecimento discursivo*. 2016. 195f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2016. p. 27. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7479>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

de cada mil pessoas que nascem em todo o mundo, sendo assim, Kanner⁴, psiquiatra austríaco, passou a ser considerado o pai do autismo, logo após surgiu outro psiquiatra que pesquisou sobre o assunto, Hans Asperger, que considerou a deficiência social e grave, na qual há falta de empatia, baixa capacidade de construir laços afetivo-sociais, além de outros diagnósticos. Em 2009, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o dia 02 de abril como Dia Mundial da Conscientização do Autismo⁵.

Por outro lado, temos um teórico que embasa tanto a educação como a psiquiatria, sendo estudadas, até os dias atuais, suas teses e conceitos, o autor, Lev Vygotsky⁶, nascido em 1834, pioneiro nos estudos sobre o desenvolvimento intelectual da criança, o qual acontece em função das interações sociais. Em uma sociedade de diferentes problemas e distúrbios psíquico-mentais, deparamo-nos com crianças com TEA, que nos últimos anos têm sido alvo de discussão entre educadores, psiquiatras e até mesmo o mundo artístico, que vem retratando pessoas com TEA, as quais se desenvolvem no meio social sem afetividade e interação social. Cavalcanti⁷ retrata esse tema com clareza em uma das suas obras, *Autismo: Construção e Desconstrução*; onde discorre sobre o que é uma síndrome derivada da ausência de afetividade, de acordo com a Psiquiatria que traz bastante clareza sobre o transtorno.

Para adentrar a pesquisa, foi preciso ir além dos muros da escola, apliquei um questionário às famílias para fazer um levantamento da história e desenvolvimento da criança, na qual as duas famílias estavam cientes e dispostas a responder e ajudar no que fosse preciso. Só assim foi possível responder a algumas questões primordiais no embasamento dessa dissertação. Levantamentos foram realizados e análises foram realizadas para o conhecimento e intervenção do trabalho. Observaram-se como os diferentes alunos interagem em seu meio religioso e como é dada a relação entre os demais, família, escola e religião e, como tudo isso se relaciona no mundo de um de autista. Desse modo, o foco será expandir o Ensino Religioso na interação de conhecimentos aplicados em sala de aula a outros alunos como um todo, sendo o foco primordial os alunos do TEA, como será sua reação e diálogo com as diversidades: cultural e religiosa.

⁴ TELLES, 2016, p. 59.

⁵ KI-MOON, Ban. *Dia mundial de sensibilização para o autismo 2 de abril de 2009*. Nações Unidas Brasil [Online]. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/dia-mundial-de-sensibilizacao-para-o-autismo-2-de-abril-de-2009/>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

⁶ VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001. p. 11.

⁷ CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. (Orgs.). *Autismo: construção e desconstrução*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 24.

1 AUTISMO, LEGISLAÇÃO, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO

O primeiro capítulo traz os avanços na Legislação Brasileira sobre o TEA, a importância da Constituição em assegurar os direitos educacionais, a Declaração de Salamanca⁸ que veio junto da UNESCO favorecer pessoas com deficiências. As lutas de familiares no decorrer dos anos que conseguiram se unir em prol a benefícios; já reclamados – há tempos – para serem difundidos; as lutas com conquistas por meio das ações de amigos e familiares. Foi criada a *Associação de Amigos Autistas (AMA)*, que é uma associação defensora dos direitos da criança autista; como foi o envolvimento de pessoas que de alguma forma tentaram trazer mais consolo e conforto, tanto para as crianças como para os familiares; criação da Cartilha e Seminários em prol a melhorias aos atendimentos, assim visualiza movimentos a mudanças e a atuação do direito público para o TEA. Apresenta estudos sobre o comportamento das crianças e das mães, a controvérsia sobre as vacinas e como tem sido a proteção divina, relacionando a importância da religião e do sagrado. O enfoque do ensino-aprendizagem de forma coerente e como tem havido um avanço significativo em torno das múltiplas abordagens do tema nos dias atuais.

1.1 Avanços na legislação brasileira

Torna-se impreterível pensar no momento histórico e nos avanços conquistados na legislação brasileira no decorrer de alguns anos que envolvem estudos muito além da busca do entendimento do TEA e em todas as conquistas que crianças e adolescentes apropriaram-se presentemente. Isso, por sua vez, mostra que no Brasil existe uma quantidade significativa de leis, e é necessário levantar a questão: será que essas leis estão sendo cumpridas? Desde o século XIX, a criança e o adolescente eram considerados mão de obra dentro das comunidades rurais, onde estava concentrada uma grande parte de pessoas, em razão disso, a tendência era as famílias serem constituídas por um maior número de filhos para somar na prosperidade, mas o nascimento e o aumento de crianças deficientes contribuíram para mudança de quadro.

Na década de 70, iniciou-se o movimento em prol das pessoas deficientes no território brasileiro, porque até 1969 os deficientes eram considerados invisíveis para sociedade. Pelos relatos e estudos, os deficientes viviam em âmbitos familiares sem a

⁸ DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Salamanca: UNESCO, 1994.

interação com as pessoas de fora, ou institucionalizados. Ajudar as crianças e as famílias era vistos como ato de caridade, mas não de cidadania. No século XX, foi criada a Associação de Pessoas com Deficiência Intelectual, entre 1932 a 1954, com a Pestalozzi e as APAES. Na história política de pessoas com deficiência, no Brasil, foi dado a partir de movimentos conjuntos com os negros e mulheres, assim, se pode pensar no início de uma nova história. Essa história que até hoje vem galgando para defesa das pessoas vulneráveis, pessoas que são menos assistidas, que passam por situações de desprezo e desrespeito.

A busca de uma democracia e a relação junto ao envolvimento cidadão foi o que proporcionou êxito às conquistas, mas as vitórias específicas do autismo, aqui no Brasil, só tiveram início em 1983 com a criação da primeira associação, que foi a AMA; localizada em São Paulo cujo médico, Dr. Raymond Rosenberg, mantinha orientação a alguns pacientes com diagnóstico de autismo, na instituição, estes, muitas vezes, crianças, na faixa etária de três anos. Os pais nunca tinham ouvido falar sobre esse transtorno, dessa maneira, se reuniram e buscaram fundar uma instituição na qual teriam mais amparo aos filhos, proporcionando maior produtividade e independência aos mesmos. Desse modo se construiu a Associação de Amigos Autistas (AMA).

Assim, em menos de um ano já havia uma escola que funcionava no patrimônio de uma igreja Batista, cujo pastor tinha um filho com o transtorno. Mas como instituição se mantinha somente com doações, tornando difícil obter fundos para a manutenção. Somente com a ajuda do ator Antônio Fagundes, que iniciou uma campanha na televisão e que, a partir daí, a associação passou a arrecadar fundos, podendo, desse modo, estar em funcionamento até os dias atuais; tendo diferentes funções e oferecendo atendimentos gratuitos para os autistas. Possuindo, inclusive, hoje, convênio com as Secretaria de Saúde e da Educação, mas ainda havendo a necessidade de doações para suprir toda demanda necessária.

Em 2008 foi promulgada uma súmula política redigida pelo Ministério da Educação dando ênfase no quesito de incluir os alunos da educação inclusiva, onde diz que os alunos devem estar juntos para serem enriquecidos de fundamentos pedagógicos e didáticos, interagindo e se associando, de diferente maneira, para a efetiva aprendizagem do aluno independente de seu problema físico ou mental. Entretanto, o foco é de extrema importância para os alunos autistas, mesmo com suas especificidades ao contato com o outro, mas com extrema importância desse envolvimento. Com a democratização da educação onde é exigida a homogeneidade do grupo e evidencia a unificação do ensino, os grupos excluídos de diferentes maneiras, já não tem mais lógica alguma tais grupos ficarem sem o acesso ao ensino. A Constituição Federal formaliza os princípios do ensino no Brasil:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisa e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
- VII – garantia de padrão de qualidade.⁹

Não tem como falar em direitos educacionais sem citar a Constituição Federal de 1988, promulgada após o regime militar, o qual refutava toda liberdade de expressão possível nesse período vivido. Com tantas perseguições e controvérsias contra líderes políticos, muitas pessoas sendo exilada por querer algo melhor para a nação, a Carta Magna foi aprovada no mês de setembro e divulgada em outubro de 1988, dando, assim, um novo começo aos rumos nacionais, por meio de Ulysses Guimarães que titulou a Constituição de “Constituição Cidadã”, deixando de lado a amarga página que assolava as pessoas que lutavam por direitos.

As mudanças com o advindo da Constituição deu direito às mulheres, no que diz respeito à licença-maternidade de 120 dias, isso trouxe uma grande conquista para as mães que, muitas vezes, não tinham como ter tranquilidade para sair para trabalhar, após o nascimento das crianças. Além do mais, foram sancionados os direitos sociais que colocavam em voga os direitos para os grupos que viviam às margens da sociedade, como: negros, pobres, analfabetos e deficientes. A partir desse marco, inicia uma cobrança da sociedade para que haja mais interação do Poder Executivo com o povo brasileiro. E sendo deixado claro o Atendimento Educacional Especializado, no artigo 208 da Constituição Federal do Brasil, em que fica claro que esse atendimento deve ser assegurado na rede pública de ensino:

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas,
- sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades, aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades,
- escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas

⁹ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020, artigo 206, incisos I a VII.

proveem em uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.¹⁰

Já em 1994, precisamente no mês de junho, na cidade de Salamanca, na Espanha, foi realizado um congresso com intuito de melhoria à educação inclusiva, em conjunto com vários países, exatamente 88 governos e 25 organizações internacionais junto com a UNESCO, além de pais e profissionais de diferentes áreas. Discutindo um só assunto que deriva da necessidade de uma educação igualitária para pessoas de diferentes níveis de deficiência. Essa declaração trouxe, na época, um grande avanço nos atendimentos e até mesmo maior responsabilidade dos órgãos públicos e na área de Medicina, para ser mais específico, trouxe um aumento no comprometimento da sociedade diante desse assunto.

Isso só veio a promover um bem maior para as famílias que, de algum modo, estavam envolvidas nessa luta que até então não tinham respaldo legal e apoio da sociedade.

1.2 Avanços na construção da visão social do autismo

Em 2010 uma grande movimentação entre os pais e entidades responsáveis pelas crianças com TEA para que tivessem um diagnóstico mais cedo, para que pudessem iniciar o tratamento necessário, tendo em vista que uma melhor evolução não ficar a desejar e, tardio demais na busca e melhoria de atendimento adequado. A partir dessa data, quando foi lançada a cartilha sobre os direitos dos autistas, dando início a uma vasta movimentação em prol dos benefícios das crianças e adolescentes autistas. Foi realizado o I Seminário; com pouca adesão de participantes, já o II Seminário teve o apoio da secretaria da saúde do Estado de São Paulo, sendo divulgado em outros estados e um grande apoio de pessoas de diferentes áreas de atuação, chegando a atingir mais de 500 pessoas reunidas para aprender e discutir sobre um só assunto.

Nessa mesma época, foi observado que muitos familiares desistiram de ir em busca de atendimento especializado, devido a grande quantidade de pessoas que se aglomeravam em um determinado local, onde crianças com TEA não conseguem manter-se por muito tempo em lugares com aglomeração e com barulho. No entanto, com a conscientização das pessoas e a importância do entendimento da especificidade desse transtorno, os responsáveis passaram a agendar horário para um atendimento único, com mais tranquilidade a cada indivíduo, isso se deu através das conquistas de todo o movimento anterior. Com o cuidado e a singularidade ao

¹⁰ DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994.

receber cada criança passou ser melhor, pensar que esses atendimentos devem ser avaliados como BONS, MUITO BONS ou EXCELENTES. Essa conquista e atitude passaram a ser envolvidos nesse processo.

Já no ano de 2011 houve outro Seminário na cidade de São Paulo para a divulgação do trabalho e pesquisa para outros grupos de profissionais, como professores, gestores, políticos e outros mais. Com isso, iniciou uma melhor habilidade de discussão sobre o tema entre as famílias e responsáveis, essa habilidade, ou melhor, facilidade e dedicação de profissionais e acadêmicos da área, tanto de educação como da área de saúde no qual são observados os primeiros aspectos do TEA, desde a Educação Infantil, onde se torna necessária a presença de profissionais que acolham essas crianças sem nenhuma forma de preconceito ou discriminação. Mas, fica uma grande responsabilidade ao profissional da educação, que, junto com os pais que acompanham essas crianças, tenham a sensibilidade para aperfeiçoar o auxílio dado a elas durante sua infância.

Em março de 2011 foi criada a primeira cartilha ¹¹“Direito das pessoas com Autismo” que explica e orienta os profissionais e familiares envolvidos com pessoas TEA. Ela foi elaborada por diferentes indivíduos que atuam em diversas áreas, por grupos de profissionais da saúde, educação, lideranças de movimentos pró-autistas, pais e muitos outros participantes. Essa cartilha teve por objetivo dar embasamento amplo e características seguras para o diagnóstico, além de enfatizar a importância dos profissionais que atuavam na primeira infância dessas crianças, como médico pediatra e outros profissionais. Isso se dá porque o autismo aparece em crianças com menos de três anos de idade, com distintos estudos, anos atrás, não tiveram diagnosticada a causa do problema, porém, o mais comum é a manifestação em crianças do sexo masculino que apresentam esse transtorno.

A cartilha também faz um alerta sobre a importância do início do tratamento e não somente possuir o resultado de um diagnóstico, pois o autismo tem vários fatores a serem notados e esses fatores devem ser observados em diferentes exames específicos, inclusive os exames auditivo e visual. A pesquisa feita por Anna Remington mostrou que pessoas com TEA possuem uma grande capacidade de audição e de visão. Contudo, a riqueza que essa cartilha possui, em informações e aprendizados para todos que tiverem dúvidas sobre o assunto, buscando esclarecer sobre direitos, explicando as funções de alguns órgãos institucionais e Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP's) para facilitar

¹¹ SÃO PAULO. Núcleos Especializados da Infância e Juventude, de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito e do Idoso e da Pessoa com Deficiência da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. *Cartilha: Direito das Pessoas com Autismo*. 1. ed. Março de 2011. Disponível em: <<https://www.revistaautismo.com.br/CartilhaDireitos.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

a busca de prioridades, como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

Com isso, o autismo, nesses últimos anos, passou a ter grande ênfase nos campos da Pedagogia e da Psicologia, porém, no Estado do Espírito Santo ainda são recentes os estudos do tema, não tendo ocorrido os grandes movimentos, como houve, décadas atrás, no Estado de São Paulo. Com esses diversos movimentos e, em prol de estabilidade e garantia às crianças com TEA, no ano de 2012 foi criada uma nova lei; sancionada pela, então, presidente Dilma Rousseff, sendo que no seguinte inciso afirma:

I- Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento.¹²

Toda essa mobilização em prol da garantia de um atendimento de qualidade trouxe prioridade para acompanhar os pais, viabilizando ajuda, tais como serviço de Psicoterapia, atendimento terapêutico, tratamento dentário, direito a práticas de esportes; facilitando o encaixe em projetos esportivos e direito à inserção na área de trabalho. É claro que a cartilha não poderia deixar de versar sobre o direito da criança autista na educação, inclusive é usado o artigo 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente¹³, que denota sobre a garantia da educação e os direitos na aprendizagem. Retoma as conquistas listadas na Constituição de 1988, onde são apontadas as garantias e direitos de todos à educação de qualidade, essa educação de qualidade é até hoje questionada por todos que estão envolvidos no sistema de ensino, um sistema empobrecido de material didático e espaço físico.

Pesquisas atuais levam em consideração a *Teoria da Afetividade*¹⁴, buscam explicar como as pessoas com TEA se envolvem emocionalmente e conseguem expor seus sentimentos. Já para ¹⁵Ivar Lovaas, psicólogo da faculdade de Los Angeles, em sua pesquisa

¹² BRASIL. *Lei n.º 12.764*, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

¹³ BRASIL. *Lei n.º 8.069*, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

¹⁴ Em todos os estágios do desenvolvimento humano, segundo a teoria de Wallon, a afetividade está presente em maior ou menor grau, haja vista a interação indispensável a esse processo, para a formação desse indivíduo como ser social, cultural e inserido, de fato, no meio em que vive. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/afetividade-e-aprendizagem>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

¹⁵ BEZERRA, Marcos Ferreira. *A importância do método aba – análise do comportamento aplicada – no processo de aprendizagem de autistas*. *Revista Científica Multidisciplinar*, Núcleo do Conhecimento, ano 03, ed.

relata que crianças que são tratadas com um tipo específico de terapia, que é chamada de “Terapia ABA”, têm um grande avanço no desenvolvimento de habilidades e competências comprometidas pelo TEA. Inicia-se esse tratamento com, pelo menos, 40 horas semanais, essa criança passa a ter comportamentos semelhantes a uma criança dita normal, com sua rotina, com atividades de reforço positivo e habilidades multifuncionais.

1.3 Pesquisas envolvendo autismo e diversidade religiosa

Nos dias atuais, o TEA pode ser chamado de uma desordem do neuro desenvolvimento e precisa de estudos constantes das diversidades que afligem as diferentes causas que alteram a saúde mental do indivíduo; afetando, também, a comunicação, interação, atitudes restritas e repetitivas. Há alguns anos, o autismo era considerado um distúrbio raro, sendo palco de muita discussão entre cientistas, médicos e educadores. Entender o TEA passou a ser algo muito importante para toda a sociedade atual, com uma busca contundente “quanto às suas causas, características e estratégias de intervenção psico-educacionais”¹⁶. Que trazem uma grande expectativa para as pessoas do grupo familiar.

Cada família recebe a notícia de que terá um filho especial de maneira diferente, segundo Dalprá¹⁷, muitos dos pais desequilibram-se, emocionalmente, em saber o diagnóstico, outros questionam a Deus, o porquê isso aconteceu em sua família. São reações que precisam de ajuda, acompanhamentos psicológicos e terapias, tendo um grande cuidado para não afetar o relacionamento do casal. As diferentes adaptações são necessárias à vida das famílias que possuem filhos autistas, a busca adequada para melhorar a rotina diária, pois é de extrema importância a constância de ações. Destarte, reorganizam-se e efetuam-se as mudanças para diminuir as aflições do TEA. São comuns redes de apoio para aliviar o sentimento de impotência que, por muitas vezes, são totalmente um contratempo na vida familiar. Ainda mais nos transtornos que levam a atitudes agressivas, causando constrangimento por parte de quem cuida, pois pode haver olhares de julgamento quanto à criação que a criança recebe, sendo assim, é importante que a família deixe claro se a criança tem algum transtorno ou não, pois vergonha ou rejeição não ajuda nesses casos, ao contrário podem piorar a situação.

10, v. 06, p. 189-204, out. 2018. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aprendizagem-de-autistas>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

¹⁶ SURIAN, Luca. *Autismo*: Informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 9.

¹⁷ DALPRÁ, Liane Rossales. *Autismo e família*: construindo entendimentos. 2016. 60 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2016. p. 12.

Historicamente, o autismo vem sendo estudado desde a década de 1910, são diferentes psiquiatras que dispuseram de seus tempos de pesquisa para estudar melhor o transtorno, Bleuler¹⁸, médico psiquiatra, nasceu em 1857, faleceu com 82 anos, suíço¹⁹. Esse autor deu uma grande contribuição na área de estudo da esquizofrenia; ele foi o primeiro a descrever os sintomas em do quadro esquizofrênico, sendo chamado de os 4A's de Bleuler: Autismo, Ambivalência, Afeto embotado (que perdeu a sensibilidade) e, para finalizar, a Associação de ideia, que seria a conexão natural da mente associar uma coisa à outra²⁰. Desde as primeiras pesquisas, é falando sobre a importância de se estimular as crianças, ajudá-las a interagir com outros objetos e explorar o exterior, no qual ela vive, tendo sido influenciada pelo meio em que vive. Porém, esses cuidados devem partir da família e responsáveis pela criança autista em que as percepções são diferentes de outras crianças.

[...] tais crianças necessitam ser tratadas de uma forma muito especial, digamos mesmo extra-especial, que lhes compense a dificuldade de receber a influência do meio ambiente e lhes permita usá-la, apesar de tudo, o que quer dizer que os cuidados que seriam adequados para um bebê normal não o serão para elas.²¹

Já algumas décadas após a pesquisa de Bleuler, dois médicos austríacos Kanner e Asperger fizeram um estudo paralelo, com base na pesquisa anterior e, um deles notificou o isolamento que as crianças tinham em comum, o outro verificou o desempenho e habilidade que prevalecia em um grupo de meninos, tais estudos, após o refinamento desses médicos, passou a ser nomeado como Autismo e Asperger. Assim, Kanner se depara com a doença e ele a descreve como autismo infantil, precoce. A fundamentação da palavra vem do grego “auto” referindo-se a si mesmo, sabendo que as crianças autistas são totalmente voltadas para si. Para Kanner, a única explicação do não envolvimento afetivo vindo do autista seriam as irregularidades genética e biológica. Esse estudo e afirmação foram descritos por ele em seu primeiro trabalho, incluindo a comunicação social além do relacionamento afetivo. “Após esta descrição inicial, desenvolveu-se nos anos 40 o conceito de que o autismo seria uma forma de

¹⁸ PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Bleuler e a invenção da esquizofrenia. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 158-163, mar. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142000000100158>. Acesso em: 03 fev. 2020.

¹⁹ BARBOSA, Rafael Ribeiro Mansur. *Psiquiatria e psicanálise: para além de divergências e convergências*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

²⁰ A teoria associacionista, antecessora do comportamentalismo ou behaviorismo, inspirada na filosofia empirista e positivista, atribuiu exclusivamente ao ambiente a constituição das características humanas e privilegia a experiência como fonte do conhecimento e de formação de hábitos de comportamento. Disponível em: <<https://www.psicologiamsn.com/2013/11/os-principios-de-associação-de-ideias-david-hume.html>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

²¹ TUSTIN, Frances. *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 87.

psicose e, como tal, uma manifestação precoce de esquizofrenia”.²²

Com o passar dos anos, após estudos e terapias que não tiveram bons resultados, essa ideia de esquizofrenia foi abandonada, passando a ter subsídio em outra visão, a qual o autismo passou a ser classificado como Distúrbio Persistente do Desenvolvimento, tendo como conceito o desenvolvimento cognitivo. Para Tustin, as crianças autistas, quando são bebês, têm ataque de raiva e muito choro no início de suas vidas. “É muito mais frequente do que a esquizofrenia infantil e incide em crianças que são quase sempre erradamente diagnosticadas como surdas, cegas ou retardadas mentais [...] são crianças predispostas ao ciúme e a serem intensamente possessivas”²³.

Alguns dos sintomas do autismo infantil primitivo vêm em crianças dotadas com um grande nível de inteligência, vindo de famílias com grande nível de informações. Independentemente se os pais são bem instruídos ou não, as crianças autistas têm a sensibilidade para novos conhecimentos, sendo observado no mínimo uma área de conhecimento bem elaborado. Já Gauderer relata que crianças autistas mostram algumas características que as diferem de outras crianças inclusive de crianças com alguma deficiência mental. “Discretos atrasos na aquisição de atividades motoras, incapacidade moderada ou grave no desenvolvimento das habilidades cognitivas de interação e comprometimento das habilidades cognitivas sequenciais”.²⁴

Após outros estudos relacionados ao emocional do TEA, que cita questões dentro do autismo como a frieza das mães e o surgimento da Síndrome da Mãe Geladeira²⁵, essa pesquisa trouxe muitos questionamentos e pesar das mães, levando-as a sentir uma grande culpa pela causa do transtorno em seus filhos. Ao fim da década de 60 ficou constatado que o autismo tem tudo a ver com a genética biológica, pois passa a considerar que este é um transtorno cerebral adquirido desde a infância. Na mesma década de 60 foram publicadas versões de estudo sobre o agrupamento de questões humanas, que, por sua vez, refletiam sobre as reações distintas entre a neurose e a psicose. Nos anos seguintes foram feitos vários outros estudos na área, diversas pesquisas foram iniciadas, principalmente na Psiquiatria. Foi fundada uma associação para juntos atender melhor o grupo de pessoas autistas, a *National*

²² GAUDERER, E. Christian, *Autismo, década de 80: Uma atualização para os que atuam na área, do especialista aos pais*. São Paulo: Sarvier, 1985. p. 70.

²³ TUSTIN, 1975, p. 142.

²⁴ GAUDERER, 1985, p. 67.

²⁵ O termo utilizado por alguns psicanalistas mãe-geladeira foi um rótulo que era atribuído às mães de crianças autistas, quando se acreditava que elas poderiam ser a causa do autismo de seus filhos, por serem afetivamente frias. O psiquiatra Leo Kanner, o primeiro a descrever o autismo, explicitou sua observação clínica de que as crianças autistas possuíam, em geral, pais muito inteligentes, mas pouco calorosos. Disponível em: <<https://sindromedeasperger.blog/2020/02/28/base-genetica-do-autismo/>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

Autistic Society (NAS), criada em 1962, localizada no Reino Unido, em Londres. A instituição oferece apoio de qualidade tanto às crianças quanto às famílias, funciona até os dias atuais e, tais como a NAS existem outras associações espalhadas em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Assim, deu-se continuidade às pesquisas e às novas análises. Nos anos seguintes, surgiu uma grande iniciativa quanto ao uso da terapia, trabalhando o quociente intelectual das crianças. Essa terapia ficou conhecida como Análise Aplicada de Comportamento²⁶, influenciada no comportamento da criança autista. E, assim, foi dada sequência ao tratamento com uso de ambientes organizados e ministrados com um grande nível de material educativo para, dessa maneira, auxiliar no desenvolvimento das crianças autistas. Já na década de 90 ocorreu um grande equívoco, pois um médico e pesquisador britânico, Andrew Wakefield, publicou que o autismo se dava pela vacina da Tríplice Viral, acarretando o aumento de surto do sarampo no Reino Unido por receio dos pais em aplicar a vacina, após essa pesquisa.

Anos depois Wakefield perdeu o título de Medicina, não só por esse artigo publicado, mas por outras situações em que ele se envolveu. Várias pesquisas foram feitas para desmentir a publicação de Andrew Wakefield, mas, mesmo assim, nos dias atuais não houve aumento nas taxas de vacinação. Recentemente, foi publicado um novo artigo sobre o assunto que mostra dados de pesquisa realizada na Dinamarca, com mais de 600.000 crianças. E tiveram como conclusão que a imunização da vacina de Tríplice Viral não causa autismo. Esse artigo destaca o aumento agravante de sarampo, aqui, no Brasil, onde existe um movimento conhecido como antivacinas, e isso agrava muito a imunidade das crianças em geral.

A proteção contra doenças autoimunes fica a cargo da proteção da divindade, deixando Deus por conta disso, a religião e o sagrado andam em sintonia um com o outro, assim a ciência e a religião também se completam. Por mais que estudiosos tenham a certeza científica, muitas coisas são somente explicadas pela base religiosa do indivíduo. Desde muitos anos humanos se perguntam sobre a vida, a existência, a morte e a dor. Pegamo-nos fazendo esses questionamentos, e até nos posicionando com dúvidas e até revolta com algumas situações com que nos deparamos. “E foi assim que Galileu parou de perguntar o que é que o universo significa e concentrou-se simplesmente em saber o que ele é, como funciona,

²⁶ A análise do comportamento aplicada ou análise comportamental aplicada, conhecida por sua sigla em inglês ABA (*Applied Behavior Analysis*), é aplicação da psicologia comportamental que ficou muito conhecida no Brasil por sua adaptação para o ensino de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/codas/v25n3/16.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

quais as leis que o regem”²⁷.

De acordo com Rubem Alves, muitos filósofos e sociólogos do meado do século XIX desprezaram a religião dizendo que ela não serviria de nada, dando valor somente aos fatos científicos. Houve mudanças no decorrer do tempo, período em que aconteceu a revolução sociológica. Havendo uma visão diferente da religião, no que diz “e um novo mundo de compreensão da religião se instaura com a afirmação”²⁸. Ele continua afirmando que a ciência não tem como negar a veracidade da religião, e não existe religião falsa, e não tem como fundar algo em uma mentira, querendo dizer que não tem como fundamentar ou edificar uma religião sem que haja verdade. “Ora, se a religião é um fato, os julgamentos de verdade e de falsidade não podem ser a ela explicados”²⁹.

Saviani, idealizador da pedagogia histórico-crítica, faz reflexão da educação, que é feita a partir dos valores, no qual se objetiva e almeja aonde quer chegar, coloca prioridade e verdade no que é válido para percorrer o caminho e a progressão do aluno: “a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?”³⁰. Isso é visto no contexto escolar onde há a preocupação em como os alunos estão sendo preparados para atuarem em suas vidas profissionais, como será nossa geração daqui a 15 anos, e como o mercado de trabalho recebe pessoas com TEA. Além disso, tem a preocupação dos valores arraigados para a formação desses alunos, podendo-se ampliar esse assunto, como essa criança é vista no espaço religioso? Como é a interação do indivíduo com pessoas de fé diferente da dele? Será que ele entende que cada pessoa tem sua crença?

Para Wallon, a criança tem o adulto como exemplo, sendo importante a interação do adulto com a criança. Assim, observando-se a atuação do professor ou de um líder religioso, pergunta-se se essas pessoas são verdadeiros exemplos para um autista, será que interiormente é preciso ter alguém como referência? Essas são perguntas que serão feitas a partir de novas descobertas, por meios de teorias e da vivência com a criança com TEA. Nessa interação a criança abstrai o que será levado na sua psique durante toda a vida. “Nesse caso, pode-se falar de etapas ou estágios a cada um dos quais corresponderá certo lote de aptidões ou características que a criança deve adquirir para se tornar adulta”³¹. Portanto, a evolução faz parte do crescimento da criança, leva a criar aptidões favorecendo o desenvolvimento do sujeito, fazendo com que sejam guardadas essas primeiras lembranças que, de alguma forma,

²⁷ ALVES, Rubem: *O que é religião?* São Paulo: Ed. Loyola, 1999. p. 58.

²⁸ ALVES, 1999, p. 59.

²⁹ ALVES, 1999, p. 60.

³⁰ SAVIANI, Dermeval. *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. 16. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 35.

³¹ WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 10.

contribuem em sua progressão. Podem ser recordadas independentes da idade.

A escola, entretanto, é um período de grande importância na formação do caráter e do desenvolvimento da pessoa, sendo que boa parte de sua vida se passa dentro de uma escola. Essa progressão pode ser chamada de evolução psíquica, que se torna importante e quantitativa para o desenvolvimento da criança. Assim, a criança da educação inclusiva precisa ter essa interação, não devendo ser excluída no meio em que está inserida, mesmo se falando da criança portadora do transtorno do espectro autista, que se prefere fechar diante da sociedade, não por uma escolha, mas pela característica desse transtorno. Ao contrário de muitas pessoas que, por escolha própria, optam não se relacionarem ou evitar relacionarem-se com outras pessoas; tornou-se muito comum nos dias de hoje esse isolamento do indivíduo com o mundo, não se sabe ao certo se isso é devido à ampla oferta de jogos e programas tipo seriados, ou se é um fato do século XXI. É um novo nicho de observação e estudo. No entanto, entender como esse aluno interage em diferentes espaços: escola e igreja e como é sua reciprocidade com a diversidade religiosa são sim, relevantes espaços de estudo e pesquisa.

Para Sanchez, toda religião tem sua autenticidade e, na atualidade, existe uma imensa diversidade religiosa, assim cada uma divulga – para se aproximar do indivíduo –, amplia e edifica as suas próprias cultura religiosa e identidade. Hoje, muitas mudanças ocorreram, a religião passou a ter uma visão de mundo diferente de anos atrás, “será desafiada a reconhecer o pluralismo religioso como princípio básico para a dinâmica do campo religioso atual”³². Com essa modernidade, a Igreja Católica perde a liderança que possuía: então, desmembrada essa aliança institucional, onde seu papel, enquanto igreja interferia na política. A partir de pressuposto, se iniciava uma ampla visão para a pluralidade religiosa.

O sagrado, entretanto, é uma relação profunda que se desenvolve através do pleno amor e da reverência às atitudes religiosas que o indivíduo desenvolve durante a vida. A intimidade com o sagrado remete a uma compreensão divina de Deus, sendo que esse diálogo ou sentimento abrange, não somente o sujeito, como também o grupo religioso em que cada um está inserido. As relações que estão ligadas aos conhecimentos religiosos vão caminhar para um envolvimento do ser humano com o mundo, caso não tenha esse envolvimento, priva o indivíduo de liberdade com o sagrado, deixando acontecer sem nenhuma privacidade de sua intimidade com Deus. Assim, remete-se o questionamento para saber como é o funcionamento da mente humana e o quão são diferentes umas das outras. Além do mais, para

³² SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo religioso: As religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 14.

peessoas onde o quadro cognitivo é afetado por uma expressividade, como o TEA, que tem suas experiências individuais com sagrado, ressalva que essas experiências só fazem sentido se o sujeito se envolver com o ambiente.

Dessa maneira, é sentida uma desvalorização da inclusão, na qual inserir se torna mais importante que incluir, distorce o verdadeiro significado, no que se refere à inclusão de alunos na escola pública, que não é implantar o discente dentro de uma sala de aula, mas sim conter, abranger e compreender esse indivíduo. Com um olhar diferente para esses alunos é que se edificam e estabelecem-se aprendizados para atuação em uma sociedade democrática, uma sociedade de escolhas entre o certo e o errado. A carência de harmonia social que o portador de transtorno autista possui, dificulta e resulta na sua não inserção nos meios educacional e religioso, na participação ativa nas aulas e atividades propostas pelos professores, na interação com os colegas de sala, na socialização e no entendimento do sagrado, do meio religioso, da diversidade religiosa, no seu desenvolvimento e progresso na vida social, nos meios educacionais e religiosos, não permitindo ao indivíduo autista, portanto, ir além das expectativas apresentadas e ansiadas por profissionais e familiares.

Todavia, para o TEA a aproximação com o outro é algo aterrorizante em sua vida, assim, para a inclusão do aluno dentro de sala de aula deve haver uma preparação de todo o grupo que irá ter convívio com o indivíduo, sabendo que nas turmas de Ensino Fundamental as crianças são agitadas. E a diversidade religiosa está dentro de qualquer espaço público frequentado. E esses espaços também têm conversas, gestos e olhares diferenciados, onde é exigido, portanto, muito cuidado em lidar com o próximo. Deve haver esperança. Esperança essa que a tempo deixa esquecida ou até desacreditada em meio a tanta confusão e intolerância, perdendo-se grandes oportunidades de diálogo e entendimento da situação que perpassa a vida de todos, principalmente a classe de minoria, considerada marginalizada pela sociedade, grupos os quais sempre discriminados: negros, mulheres, deficientes, religiões de origem africanas e outros mais.

De acordo com Sonia Kramer, existe uma desigualdade entre adulto e criança, onde essa diferença é imposta pela sociedade que prega uma ideologia que acaba repercutindo em diferentes grupos, estando enraizado, historicamente, tendo sempre registrada a disparidade e a injustiça social. Tal contexto social interfere muitas vezes nos conhecimentos cultural e social. “Pode-se questionar a responsabilidade do Estado com suas políticas massacradoras e a falta de direitos humanos”³³. Essa reflexão também é feita no meio dos alunos com

³³ KRAMER, Sonia. *Infância, Cultura Contemporânea e Educação Contra a Barbárie*. In: BAZÍLIO, Luis; KRAMER, Sonia. *Infância, Educação e Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 110.

deficiência intelectual, onde muitos são vistos como seres diferentes, incapazes e intelectualmente ignorantes, sem a capacidade de interagir e dialogar junto com o grupo que está inserido. Referindo-se, novamente, às desigualdades social e intelectual, diante de uma sociedade que muito se fala em direitos e deveres, mas pouco é visto em ações concretas, no decorrer do dia a dia. Assim, esse tema será ampliado no próximo capítulo, quando abordará sobre a interação, comunicação e afetividade no TEA.



2 ENSINO-APRENDIZAGEM DE AUTISTAS

O segundo capítulo traz um diálogo sobre as teorias que embasam a pesquisa no tangente à formação do educando; pontos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a serem priorizados; formação profissional e continuada; como a criança com TEA pode demonstrar afetividade, assim como o professor pode mediar situações dentro de sala e auxiliar o vínculo afetivo entre os alunos, através do conhecimento de leitura das obras de Piaget que traz um levantamento da importância da afetividade no desenvolvimento da criança, como é a sua comunicação e interação no ambiente escolar, desse modo, como o professor pode auxiliar e ampliar seu nível de conhecimento. Busca entender melhor a zona de desenvolvimento proximal com a teoria de Vygotsky, a importância do envolvimento da criança com o meio social, onde todos têm o direito de estarem socializados em grupo, visa a importância do professor com o aluno. Dialoga com a concepção de Paulo Freire, que focaliza seu estudo na autonomia do outro e como podemos ensinar respeitando o próximo; tendo um olhar diferenciado com o outro, assim valorizando a educação e o ato de ensinar.

2.1 Afetividades, Comunicação e Interação

A formação do educando é um conjunto de aprendizagens que vem desde o início de sua inserção na escola que alia desde sua inclusão no mundo, no qual temos o dever, enquanto profissional da educação, de ajudar e acrescentar à formação do indivíduo, para uma pessoa mais solidária, justa, ética, inclusiva, democrática e sustentável. Onde estamos inseridos não podemos distorcer nossa função que queira ou não queira, somos formadores de jovens que, automaticamente, estão afetivamente vinculados ao sistema educacional. A nova BNCC traz pontos importantes sobre conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, esse envolvimento dessas aptidões é para o progresso do próprio aluno para toda a vida. Torna-se uma provocação a todos os envolvidos, onde esse novo conceito de educação tem se preocupado em formar indivíduos onde interagem e se recria para um novo modo de educar.

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.³⁴

³⁴ BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). *Educação é a Base*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. p. 9. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Entanto um professor, ao receber um/a aluno/a com TEA em sala de aula é exigida uma preparação individual desse educador ou educadora, e, muitas vezes, requer uma afetividade internamente para saber lidar e buscar novos conhecimentos e se atentar para o histórico de vida desse aluno, que, inicialmente, é o passo mais importante. Além de buscar parceria com os outros profissionais da escola, onde se sabe que o envolvimento é de todo o grupo, pedagoga e gestor, criar um meio de comunicação para, assim, ter boas ações. É importante os profissionais estarem preparados e participar das formações continuadas, que hoje é oferecida pelos próprios órgãos públicos da educação, e essas formações, por muitas vezes, são desvalorizadas diante dos profissionais da educação.

Sabe-se que mesmo com essa busca de conhecimento na atualização da área de inclusão, o professor, está prestes a se deparar com o novo, um individuo com suas próprias particularidades que a teoria traz um embasamento, mas o dia a dia que vai entoar a articulação de como lidar e trazer o conhecimento para o aluno, no qual o professor se depara com mudanças que terão que ser inseridas no cotidiano “ênfatizando o déficit da capacidade afetiva, da comunicação e da linguagem”³⁵, sendo assim, não pode exigir tanta reciprocidade do/a aluno/a, já relatada no Capítulo 1, na seção 1.2, alguns diagnósticos de crianças com TEA. Para Saviani a reflexão da educação é feita a partir dos valores nos quais se objetiva e almeja aonde chegar, coloca prioridade e, na verdade, o que é válido para percorrer o caminho é a progressão do aluno “a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?”³⁶.

Isso é visto no contexto escolar onde há a preocupação de como os alunos estão sendo preparados para serem incluídos na área trabalhista, como será a geração daqui a 15 anos, e como são recebidos os jovens portadores com TEA nesses espaços? São vários os problemas que embasam a desigualdade, dentre eles, o político, o social, o econômico, além da história que, ao longo do tempo vem enfrentando muitas barreiras, restando à esperança e a busca de conhecimentos. Essa negação do Estado (somada à pobreza e à falta de informação) acaba por atrapalhar o progresso e a contínua igualdade que deve haver entre as pessoas. Apesar disso, professores e profissionais da educação devem se lembrar do papel que é de conscientizar os discentes, sabendo que em pouco tempo, talvez menos tempo que se imagina, eles serão o futuro da nação, profissionais atuantes em diferentes áreas do conhecimento no nosso país, sendo de grande responsabilidade a conduta e a postura desses educandos na

³⁵ CAVALCANTI, 2001, p. 24.

³⁶ SAVIANI, 2004, p. 35.

sociedade brasileira, nos diferentes espaços: escola, igreja e comunidade.

Contudo, a informação é um fator importante na BNCC sabendo-se que o estudante tem uma grande capacidade de conhecer o mundo culturalmente, interagindo, redescobrimo, e sabendo se comunicar com o diferente. Assim, se observa que o TEA tem essa limitação de buscar a interação e a comunicação com o outro e na própria BNCC. Essa discussão torna-se evidente com todas essas mudanças. Sabe-se que o nascimento de crianças autistas aumenta a cada dia na sociedade e, automaticamente, essas crianças são inseridas na escola, que devem ter um conhecimento que é para toda a vida, sendo essa interação – com o mundo que está ao seu redor – base para desenvolver o pensamento criativo, crítico e científico, no entanto, esta noção é que pode fazer toda a diferença na formação do educando.

Diante de tal premissa, a equipe escolar, tanto alunos, como profissionais em gerais, têm que possuir uma visão clara que discentes com TEA ou qualquer outra deficiência são alunos da escola, mesmo não interagindo, sendo, porém, para os alunos, muito importante, pois vão estar ali, com seus espasmos, com seus gritos ou não, usando suas maneiras de comunicação que por muitos não são entendidos e, mesmo assim, está presente a afetividade. Assim, pensar no afeto de uma criança com TEA é muito relativo, porque, cada criança é de um jeito e o autoconhecimento que a própria criança adquire traz consigo uma melhor percepção de cuidar do próprio eu, de ter entendimento da importância do seu bem-estar, saber equilibrar seus sentimentos e emoções, vendo a importância do papel da mãe que, desde criança está diretamente em contato com seu filho, e que a imitação é uma troca de experiência fundamental na formação do indivíduo, onde os afetos são construídos e fortalecidos e, tendo como consequência, a comunicação que essa criança terá.

Isso, com o passar dos anos, tem que ser mais evidente, junto com terapias e busca de superação, mesmo com dificuldade essas competências devem ser desenvolvidas, de forma que práticas pedagógicas se entrelaçam junto com o conhecimento, através da mediação com as possibilidades desse aluno conquista um progresso no seu próprio interior e num bom relacionamento com a sociedade. “Quase um terço acreditava que uma pessoa com autismo é incapaz de sorrir ou mostrar afeto”³⁷. Se pensar nos obstáculos que podem amedrontar um profissional, onde se depara com o novo e, muitas vezes, é uma situação incontrolável, principalmente para o professor de sala de aula que vai deparar com uma diversidade, e se vê diante de um aluno autista, sendo que cada criança autista é diferente, como qualquer outra criança, pois não há uma homogeneidade entre os alunos e assim não se pode rotular. Fica o

³⁷ BAPTISTA, 2007, p. 13.

encargo dos ambientes que essas crianças frequentam inclusive espaços religiosos, estarem preparados para receber e atender da melhor forma possível a qualquer criança.

O profissional que abraçar a causa, quando se pensa no outro como indivíduo, como outra qualquer que tem suas próprias limitações, e suas conquistas está em tempos diferentes do nosso, se relacionar de forma diferenciada, precisa ter um olhar muito além do que é visto, mas sim do que se é almejado, torna uma educação mais propícia a grandes sucessos e conquistas. Sanchez, em uma de suas obras relata a importância de tratar as pessoas com o mínimo de dignidade possível, faz um paralelo entre a ética e a convicção religiosa “todo ser humano tem que de ser tratado humanamente! Quer dizer: todo ser humano [...] possui uma inalienável e intocável dignidade”³⁸. É uma reflexão que se deve fazer no íntimo de cada um, onde se encontra engajado a olhar para si mesmo, esquecendo o outro, seus problemas, angústias e aflições, no qual muitas vezes se relaciona a comunicação e interação com o outro, vive-se em busca de explicação que se vive em uma sociedade gigantesca e é evidente a ausência de reciprocidade “o que queres que te façam, fazes tudo também aos outros”.³⁹

Contudo, entre o aprender e o ensinar deve haver uma afinidade e laços afetivos, pois o aluno não consegue reter um conhecimento de forma forçada, “[...] tão ou mais importante do que aprender, é gostar do que se aprende, de quem ensina e, principalmente, com quem se aprende”⁴⁰. Tanto o ambiente quanto sua interação com o professor deve ser de maneira satisfatória, isso torna-se gratificante para ambas as partes, e essa afetividade é para toda a vida. Abrir espaço para cada um interagir com o outro através de mediação do professor, também é uma grande conquista que tem sido encarada no dia a dia de profissionais que se preocupam e buscam socializar de forma eficaz, para que haja sucesso nessa comunicação que é de importância para a sociedade. A afetividade são experiências adquiridas tanto no meio social como físico, que fica subjetivamente gravada no quociente de cada um, e fazer mediação de uma pessoa com a outra, estabelecendo uma relação entre o indivíduo.

Com o avanço da tecnologia, a interação entre as pessoas ficou empobrecida, pois muitas se comunicam via internet e por redes sociais, porém, quando está lado a lado ou face a face o indivíduo não tem mais assunto, assim fica a pergunta. Será que o TEA tem conseguido interagir de forma menos dolorosa para si próprio, e como tem sido a afetividade da pessoa autista. A afetividade diante de Piaget; precursor dos estudos da inteligência no

³⁸ SANCHEZ, 2005, p. 23.

³⁹ SANCHEZ, 2005, p. 23.

⁴⁰ BENVENUTI, Marcelo Frota Lobato; OLIVEIRA, Thais Porlan de; LYLE, Leticia Albernaz Guimarães. Afeto e comportamento social no planejamento do ensino: a importância das consequências do comportamento. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 368-377, dez. 2017. p. 368. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000300368>. Acesso em 10 jan. 2020.

campo da Filosofia e da Psicologia Infantil, que sobressaindo na educação, assim é relacionada duas tabelas do desenvolvimento intelectual e afetivo, pode-se pensar no TEA e entender um pouco mais seu desenvolvimento. Como esse grupo de autistas consegue interagir e se comunicar com o outro diante das especificidades que eles têm, sabendo da importância da interação e da comunicação.

Tabela 1 - Estágios do Desenvolvimento Intelectual e Afetivo:

Desenvolvimento intelectual Inteligência Sensório-Motora (não socializada)	Desenvolvimento afetivo Sentimentos Intraindividuais (acompanhando a ação do sujeito, qual que seja a ação)
Formações Hereditárias: -reflexos -instintos (ensaio de reflexos)	Formações Hereditárias: -tendências instintivas -emoções
Primeiras aquisições em função da experiência, antes da inteligência sensório-motora propriamente dita: - primeiros hábitos -percepções diferenciadas.	Afetos Perceptivos: - prazeres e dores ligados às percepções. - sentimento agradável e desagradável
Inteligência Sensório-Motora (de seis a oito meses até a aquisição da linguagem – dois anos)	Regulações Elementares (no sentido de Janet): ativação, frenagem, reações de terminação com sentimentos de sucesso ou de fracasso.
Desenvolvimento intelectual Inteligência Verbal (conceitual – socializada)	Desenvolvimento afetivo Sentimento Interindividuais (trocas afetivas entre pessoas)
Representações Pré-operatórias (interiorização da ação em um elemento pensamento ainda não reversível)	Afetos Intuitivos (sentimentos sociais, aparecimento dos primeiros sentimentos morais)
Operações Concretas (de 7 a 8 anos e 10 a 11 anos) (operações elementares de classe e de relações = pensamento não formal)	Afetos Normativos Aparecimento de sentimentos morais autônomos, com intervenção da vontade (o justo e o injusto não dependem mais da obediência a uma regra)
Operações Formais (começa dos 11 aos 12 anos, mas só se realiza plenamente dos 14 aos 15 anos) Lógica das proposições liberadas dos conteúdos.	Sentimentos Ideológicos -os sentimentos interindividuais se desdobram em sentimentos que têm por objetivos ideais coletivos. -elaboração paralela da personalidade: o indivíduo assume um papel e objetivos. ⁴¹

De acordo com a tabela, a afetividade tem a incumbência do progresso e das atitudes da criança desde o nascimento, faz uma demonstração da hereditariedade, a linhagem genética, a interação com o outro, a construção do indivíduo, com seus sentimentos e conhecimentos do que foi adquirido. Dessa maneira, reconhece o certo e o errado se relacionando com o desenvolvimento humano, no sentido de aquele sujeito que interioriza valores morais, por exemplo, gratidão e sentimentos que são expressos espontaneamente. Tais sentimentos levam a um nível melhor de inteligência e cria um vínculo maior com o outro e com o todo conhecimento adquirido. Isso muito se relaciona com o sagrado e religiosidade do

⁴¹ PIAGET, Jean. *Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. Trad. e org. Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014. p. 56.

indivíduo e familiar. “Tais códigos, em geral, definem o que é certo ou errado, permitido ou proibido. Esses princípios éticos e morais atuam como balizadores de comportamento, tanto nos ritos como na vida social”.⁴²

Na BNCC esses pontos devem ser trabalhados na disciplina de Ensino Religioso se referindo ao código de ética, onde é um princípio que a criança leva para toda a vida, e esse princípio estabelece um padrão de identidade própria, no qual se deve estabelecer para cada indivíduo, independente se é um aluno com TEA. Sabe-se que a base nacional é redigida para nortear o direito da aprendizagem a todos os alunos de modo natural e essencial, no decorrer de seu período escolar, com objetivos que podem ser assegurados desde a Educação Infantil, alcançando todas as crianças, inclusive as com TEA, onde se observa no campo de experiência “O eu, o outro e o nós” e, “apresenta objetivos de aprendizagem direcionados, fundamentalmente, para o desenvolvimento de habilidades comportamentais/atitudinais, que façam com o indivíduo em formação se relacionar com seus pares de maneira interativa, harmônica e autônoma”.⁴³

Para Ramalho e Gomes⁴⁴ o conhecimento deve ter acesso a criança desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, onde se dá a oportunidade de apropriação do conhecimento a todos com que se relacionam. Todavia, a afetividade entre o relacionamento dos indivíduos, estabelece uma formação individual da pessoa, em sua inteligência, nas atitudes com o outro e no espaço inserido, tanto na escola como em casa. Assim é vista a responsabilidade dos profissionais da educação, que estão diretamente envolvidos na formação desse aluno, não se pode subestimar sua responsabilidade enquanto professor. E essa parceria da escola e a família, em alguns casos tem sido negligenciada, principalmente por parte de familiares que na atualidade creem que somente a escola tem essa responsabilidade, sabe-se que a família é insubstituível no processo ensino-aprendizagem, e ao trabalhar juntas (família e escola) o resultado é visivelmente melhor, com isso o educando estará melhor preparado para atuar no mercado de trabalho e até mesmo para ter um equilíbrio emocional diante das dificuldades.

No entanto, sabe-se que o ensino e aprendizagem se relacionam claramente com a afetividade, diante de motivação e interação com o aluno. Assim é visto que o enfoque do afeto contribui com o comportamento e estímulos, que podem vir do meio em que a criança está inserida, sendo percebida, novamente, a importância da sala de aula também ser um

⁴² BNCC, 2017, p. 441.

⁴³ BNCC, 2017, p. 435.

⁴⁴ RAMALHO, Lidiane Quirino; GOMES, Sebastiana Aparecida Vidal. A BNCC e as especificidades de crianças autistas no campo de experiências “EU, o outro e nós”. In: II CONBRALE – II Congresso Brasileiro sobre Letramento e Dificuldades de Aprendizagem. *Anais...* v. 1, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/revistas/conbrale/resumo.php?idtrabalho=76>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ambiente preparado para instigar o educando, o público-alvo da educação inclusiva para aprimorar o seu conhecimento, porém o sistema de ensino tem falhado neste quesito, pois muito tem feito na ampliação de escolas, mas sem pensar no ambiente com multimídia e material didático acessível a todos. Portanto, no espaço familiar também deve haver esse estímulo, tanto para comunicação como também para o desenvolvimento intelectual da criança, ainda mais deve ser feito para quem é portador do TEA, que precisam de mais estímulos.

2.2 Teoria de aprendizagem de Vygotsky

Lev Vygotsky⁴⁵, um psicólogo russo, que viveu entre 1896 a 1934, contribuiu bastante com seus estudos no qual é usado até nos dias atuais, dar ênfase nos estudos filosóficos que traça uma relação com ser humano, a cultura e a sociedade, refletindo, concretamente, na educação e na psicologia. Para Molon, entender Vygotsky não pode deixar de ligar a filosofia e a ideologia: “é preciso lembrar sua intenção na procura de uma explicação do ser humano que considerasse a natureza biológica e a natureza social e que respeitasse a sua singularidade”⁴⁶. Entende que suas ideias estão embasadas no período histórico que viveu, que presenciou revoluções, guerras, fome e nos processos de humanização encontrado nas obras de Marx, Engels, Hegel e Lênin.⁴⁷

Na teoria de Vygotsky todos os alunos devem e têm o direito de estar socializado com o grupo, ele diz ainda que a melhor forma de reter uma informação é trocando experiências. No entanto, esses conhecimentos são fontes de toda a aprendizagem que acontece com o relacionamento e interação com o outro, onde é defendido o conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal⁴⁸. Esse processo se dá por toda a vida, desde bebê até a fase adulta de uma pessoa, e fica bem clara a grande descoberta de Vygotsky, onde a concepção interacionista é defendida por décadas por diferentes teóricos e é a teoria usada e estudada na formação de pedagogos, professores, e outros profissionais. Sendo assim os alunos com TEA

⁴⁵ IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira. (Orgs.). *Lev Semionovich Vygotsky*. Recife: Editora Massangana; Fundação Joaquim Nabuco, 2010. p. 12.

⁴⁶ ISABEL, Cristina Moura de Carvalho (org). *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 168.

⁴⁷ ISABEL, 2009, p. 165.

⁴⁸ Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é um conceito elaborado por Lev Vygotsky, e define a distância entre o nível de desenvolvimento atual, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e a gama de possibilidades, determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200011>. Acesso em: 10 jan. 2020.

teriam a extrema necessidade de se relacionar com o outro, interagir e se comunicar.

Por ter sido influenciado por Marx, os seus conceitos em relação ao comportamento se davam nas relações sociais, onde o indivíduo se envolve com o mundo, sendo que o indivíduo não é sozinho em sua formação, mas sim “é também um agente ativo no processo de criação deste meio”⁴⁹. Pode-se chamar de funcionalismo que destaca os atos e processos mentais, identificando a consciência e o intelecto humano, que diz que, se o homem domina a natureza; ele domina a si próprio. Ao abordar diferentes aspectos um deles, Vygotsky conclui que ao observar na fase pré-linguística quando se inicia a fala, seu modo de pensar, mostra que há uma fase pré-intelectual, abordando a fala interior e o pensamento, para Camargo, “Vygotsky acompanha a forma pela qual o desenvolvimento intelectual da criança adquire uma estrutura classificatória que torna possível o uso da linguagem como um instrumento lógico e analítico do pensamento”.⁵⁰

É visto que a linguagem desempenha diferentes aptidões e soluciona problemas por meio da fala. No que a fala e o pensamento se relacionam? Tanto a fala como o pensamento passam por diversas mudanças, mas um e outro não progridem juntos, pode-se encontrar em algum momento. Assim, observa-se que dentre os animais existe uma comunicação, porém essa interação se dá pela afetividade, e já com a criança existe uma linguagem, é preciso a mediação de um adulto ou até mesmo de outra criança; onde elas se comunicam e, a partir daí, haverá uma aprendizagem. Onde ao aprender uma nova palavra a criança delimita o seu significado, assim a diferença dessa nova palavra passa a ser difícil para ela incluir em seu vocabulário, mas não pelo o som da palavra “é uma formação intermediária na história do desenvolvimento do pensamento”.⁵¹

Portanto, os primeiros meses de vida de uma criança, onde ela balbucia e emite sons aleatórios pela boca, é o momento onde ela se comunica para ter atendimento exclusivo com o responsável, se relacionado com as necessidades básicas, fome, troca de fralda, dor etc. É o momento onde a evolução da fala e do pensar não estão apropriadamente juntos, somente após o segundo ano de idade que a criança dá início a fala, essa comunicação se referencia ao desenvolvimento intelectual da criança, “(1) a curiosidade ativa e repentina da criança pelas palavras, suas perguntas sobre cada coisa nova; e (2) a conseqüente ampliação de seu

⁴⁹ VYGOTSKY, 2001, p. 25.

⁵⁰ VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. XI.

⁵¹ VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 28.

vocabulário, que ocorre de forma rápida e aos saltos”⁵². De tal modo, pode-se buscar investigar se uma criança do TEA, que inicia sua fala após os três anos de idade, como é o desenvolvimento intelectual dessa criança.

Vendo que a criança a partir de suas descobertas abrange um desenvolvimento intelectual que remete ao envolvimento dela com o outro e o meio. Nessa perspectiva, no meio educacional é usado um dos conceitos de Vygotsky, que ajuda a entender como a criança se desenvolve na sua aprendizagem e utiliza o ZDP⁵³ (zona de desenvolvimento proximal), baseando-se na teoria de interação da criança com o meio social que se vive. Além da intervenção do outro, sendo construído a partir de convivência com outras experiências, tanto da cultura como influencia com o outro. No que é observado o potencial da criança e sua capacidade de captar o que lhe é ensinado, e, assim, proporcionar o desenvolvimento intelectual dessa criança. E uma das ferramentas primordiais do desenvolvimento intelectual é a linguagem.

A criança pode ter um nível de aprendizagem com a imitação de um adulto, sabe-se que o nível de aproveitamento do que for ensinado é a partir da maturação dessa criança, pois mesmo sendo ela inserida no ambiente escolar, mas não está propícia a capacidade de apreender no que seria não ocorreu o despertar para o processo de maturação, um processo de independência a aprendizagem que Vygotsky dá o nome de zona de desenvolvimento proximal. Assim sendo a função do professor é levar o aluno atingir seu nível máximo de aprendizagem, pois o educando é um ser em construção e que é gerado pela influência cultural de onde este está inserido, não desassociando a teoria com a prática.

Assim, o ser humano não só se adapta à natureza, mas a transforma e ao transformá-la transforma a si mesmo: ele sente, pensa, age, imagina, deseja, planeja etc., tem a capacidade de criar o mundo da cultura por meio dos instrumentos de trabalho e dos instrumentos psicológicos.⁵⁴

Para Vygotsky não tem como tratar as funções mentais separadamente, não se pode entendê-las de maneiras isoladas, onde uma se relaciona com a outra, ele rompe as regras convencionais, torna seu modo de pensar complexo. Mas é visto que tanto Piaget quanto Vygotsky falam do processo de interação, a influência mútua tem a ver com o afeto e o intelecto, e esses estudos sobre afetividade vêm mostrando a relação entre a inteligência e a genética e que uma leva ao desenvolvimento da outra, isso evidencia os níveis, etapas e

⁵² VYGOTSKY, 1998, p. 53.

⁵³ VYGOTSKY, 1998, p. 52.

⁵⁴ ISABEL, 2009, p. 168.

estágios que perpassam na vida de cada um, se relacionando, portanto, com o desenvolvimento intelectual onde cada indivíduo está inserido e vivencia algo que lhe influencia no ensino-aprendizagem.

[...] a centralidade dos processos psicológicos superiores no funcionamento típico da espécie humana; o papel dos instrumentos e símbolos, culturalmente desenvolvidos e internalizados pelo indivíduo, no processo de mediação entre sujeito e objeto de conhecimento; as relações entre pensamento e linguagem; a importância dos processos de ensino-aprendizagem na promoção do desenvolvimento; a questão dos processos metacognitivos.⁵⁵

Então Vygotsky⁵⁶ questiona a divisão entre o cognitivo e a dimensão afetiva, pensando-se no funcionamento psicológico, observando ser como um desafio para efetuar suas pesquisas. Admitindo que exista uma grande dimensão humana que se relaciona uma com a outra, porém há duas perspectivas que se baseiam o estudo, que é, declaradamente, monista e, outra, que é a abordagem holística e sistêmica, na qual todas as duas vêem o indivíduo como um todo. Assim a aprendizagem do aluno é um conjunto que se inter-relaciona numa abordagem que vai de interesses, impulsos, afeto e emoção, mostra-se, significativamente que o afetivo e o intelectual se unem, se aliando às necessidades ao impulso que vem dos seus pensamentos. E, Vygotsky, ao fazer sua crítica à psicologia tradicional relata que esse pensamento fragmentado foca a si próprio e aos interesses pessoais, não tem a capacidade de modificar nem influenciar a vida pessoal e ao menos a conduta dela, pois “Vygotsky menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos”.⁵⁷

Os conceitos trazem um esclarecimento entre pensamento e linguagem, como a cultura remete à construção e à interiorização de significado para o indivíduo, e como a escola tem o papel da transmissão de diferentes conhecimentos. Onde se sabe que o aluno tem a oportunidade de apreender durante sua vida, pois para Vygotsky é de extrema importância o contato social para a formação humana e pressupõe-se que essa relação vem do meio social em que a criança está inserida. Desse modo, sua teoria, é que o indivíduo, biologicamente, precisa da interação com outro, da cultura, e do meio. Com esse relato é visto que independente da criança precisa-se do envolvimento e a inserção dela no meio cultural para

⁵⁵ LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p. 75.

⁵⁶ LA TAILLE, 1992, p. 75.

⁵⁷ LA TAILLE, 1992, p. 76.

uma amplitude de habilidade e conhecimento. No que diz respeito às experiências, essas são construídas com o tempo, pelo seu histórico social, cultural, mediante seu envolvimento com os instrumentos e símbolos que estão ao seu alcance.

Vygotsky rejeitou, portanto, a ideia de funções mentais fixas e imutáveis, trabalhando com noção do cérebro como um sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamentos são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual.⁵⁸

Sendo Vygotsky sócio construtivista, no qual diz que o indivíduo é um ser histórico e é construído por meio da sua interação com objetos e instrumentos, podendo ser também por meio de instrumentos simbólicos que são os valores, crenças e costumes, vendo que a religiosidade do indivíduo ajuda em seu desenvolvimento e faz parte da construção do ser. Mostra, dessa maneira, que a criança passa de ser biológico para um indivíduo histórico que tem a formação diante tudo que ele já presenciou, visualizou, interiorizou mediante seu envolvimento com o meio e o espaço social. Com isso é vista a importância do papel do professor que é saber ensinar os alunos para que eles tenham a possibilidade de construir e adquirir conhecimentos que os tornem cidadãos autônomos, assim apreendam o que lhe é transmitido, pois além dos objetos que serão propícios para o seu desenvolvimento terá um mediador.

Então, um professor que tenha alunos com TEA em sala de aula, tem que estar atento à importância da interação com alunos, pois esse é o momento onde eles estão criando suas identidade e história. “É por meio de outros, por intermédio do adulto que a criança se envolve em suas atividades”⁵⁹. Sabe-se que o desenvolvimento da aprendizagem de uma criança pode ser dividido em três partes de conceitos. Primeiro, é a independência do processo do desenvolvimento, como o de aprendizagem. Segundo; é o processo puramente exterior, que vai lado a lado do desenvolvimento da criança. O terceiro conceito consolida os dois primeiros, de um lado a independência da aprendizagem e, do outro, a aprendizagem que é adquirida e que traz um novo comportamento, indo ao encontro da Teoria de Koffka.

[...] segundo a qual o desenvolvimento mental da criança caracteriza-se por dois processos que, embora conexos, são de natureza diferente e condicionam-se reciprocamente. Por um lado está a maturação, que depende diretamente do desenvolvimento do sistema nervoso, e por outro a aprendizagem que, segundo Koffka, é, em si mesma, o processo de desenvolvimento.⁶⁰

⁵⁸ LA TAILLE, 1992, p. 24.

⁵⁹ IVIC; COELHO, 2010, p. 16.

⁶⁰ VYGOTSKY, 2001, p. 106.

Fica claro como o envolvimento da criança com os objetos que estão a sua volta amplia seu raciocínio lógico, sua capacidade de interpretar e raciocinar, o domínio do pensamento abstrato é influência do meio em que se vive. Esse desenvolvimento se dá a partir de uma determinada etapa, ou seja, de um faixa de idade, onde a criança adquire mais maturidade sobre determinadas funções, sendo que “o curso do desenvolvimento precede sempre o da aprendizagem. A aprendizagem segue sempre o desenvolvimento”⁶¹. Vendo que uma acompanha a outra, que a maturação acompanha a aprendizagem e que se desenvolvem paralelamente.

O processo de aprendizagem, porém, tem um grande fator que é a estimulação, então, se uma criança é estimulada em seu meio, isso trará um grande conhecimento, e já a maturação é até certo grau de conhecimento, mas é visto um nível de aprendizagem que remete alguns problemas escolares que são as disciplinas. Pois cada uma tem sua importância e é ensinada de maneira diferente, sendo que cada uma tem seu peso diante da representação intelectual do aluno, no qual ele mesmo se remete a cada uma da forma que ele sugere ser adequada. Vendo essa desvalorização para determinadas disciplinas; onde é julgada como menos importante para o aluno, sendo assim, é que muitas vezes a disciplina de Ensino Religioso se torna uma das menos valorizada.

A tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias.⁶²

A prática do ensino permite esse progresso na aprendizagem, que é estabelecido com o envolvimento do educador com o educando, e quando é desenvolvido o intelecto há a ampliação das capacidades específicas, no que leva a vários conhecimentos. É sabido que a aprendizagem escolar não vem a partir da criança inserida no âmbito escolar, mas desde antes, com sua pré-história. Porque cada criança já tem sua história construída, mesmo antes de chegar à escola, com o seu meio familiar e o seu meio cultural, logo nos primeiros dias a partir de seu nascimento. Já que não há uma idade certa para determinado conhecimento, deve-se, contudo, levar em conta que a aprendizagem pode se dar com um determinado nível de maturação, que é chamado de nível de desenvolvimento efetivo, não necessariamente existe uma idade certa, mas pode haver um ponto de partida para a aquisição e a capacidade

⁶¹ VYGOTSKY, 2001, p. 104.

⁶² VYGOTSKY, 2001, p. 108.

potencial do conhecimento.

2.3 Ensinar respeitando o outro

Pensar em educação é analisar e refletir criticamente sobre os processos pelos quais o ensino-aprendizagem ocorre dentro e fora da sala de aula. Ter a liberdade de agir e pensar nas diferentes ações que as práticas pedagógicas evocam e produzem sentidos. Atitudes que o cotidiano proporciona para cada um que se encontra inserido nesse meio, tornam-se, portanto, aliados de progresso, crescimento e expectativas para um futuro melhor. Dentro de toda essa indagação existem direitos e deveres, nos quais somos defensores de uma educação para todos. Independente de sexo, raça, idade e religião, o direito a educação não é somente inserir o aluno na escola, mas poder apoiar em diferentes necessidades, reconhecer que todos fazem parte de uma vida comunitária, e precisa se posicionar como um indivíduo pensante para vivenciar uma vida igualitária a todos.

Educar para a liberdade, para a expressão máxima da capacidade de cada um e para a cooperação e o entendimento entre as pessoas. Todavia, em ambos os casos, com uma visão crítica, questionadora, pois é preciso estar atento, vigilante a ao mesmo tempo aberto para aprender e ensinar.⁶³

A vida pública de uma criança se inicia a partir da inserção dela na escola, assim poderá visualizar o mundo de forma crítica. Entra, nisso, a postura do profissional que trabalha com diferentes alunos, já que cada um age e pensa de uma maneira diferente. Em específico a criança, público-alvo, da educação inclusiva que por muitas ocasiões é tratada de maneira isolada “igualar ou apagar as diferenças é formar a crise educacional cada vez mais aguda”⁶⁴. Essa fala de Mantoan⁶⁵ se refere à busca exagerada do sistema de ensino, de um nivelamento de aprendizagem que busca reconhecimento através de avaliações e méritos. Esse nível de desenvolvimento se relaciona ao crescimento da educação enquanto política pública, pensando no desempenho do país dentro de uma cobrança internacional, pois cria um modelo de aluno que é estabelecida pela educação, que acaba desviando os olhares para o diferente e não para as importantes experiências que são adquiridas enquanto alunos, sendo esses alunos da área inclusiva, que, por muitas vezes, são excluídos; não sendo reconhecidos

⁶³ DAVID, Rodrigues (org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006, p. 185.

⁶⁴ DAVID, 2006, p. 185.

⁶⁵ MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. *Inclusão escolar*. Pontos e Contrapontos. Valéria Amorim Arantes (org.). São Paulo: Summus, 2006.

com suas particularidades.

Paulo Freire que tinha seus ideais consolidados na sociedade e na busca da igualdade entre as pessoas, não separava o ato pedagógico com o ato político, onde dizia que a educação não leva à libertação, mas sim, a conscientização e assim liberta da opressão que por muitos anos foi fonte de embasamento do ensino fornecido no Brasil. Ao estar diante do outro, pode-se reconhecer sua potencialidade, aprofundar e compreender seu nível de conhecimento, vislumbrar uma educação transformadora, no que diz respeito a um nível intelectual ao educando referente a Paulo Freire. “Neste sentido, ele tem o mérito não apenas de denunciar uma educação supostamente neutra, como o de distinguir claramente a pedagogia das classes dominantes da pedagogia das classes oprimidas”.⁶⁶

Para ele a educação é um meio de mudança, e levar a sociedade em busca de conhecimento, em padronizar ou igualar o nível intelectual, isso remete à independência educacional, diante da sociedade, e o professor que busca sua conscientização individual, onde não pensa no grupo ou na comunidade em que atua, ou seja, não pensa nos alunos e não busca um diálogo que vá ao encontro de uma aprendizagem de uma busca de mudanças sociais, esse educador está muito aquém de adquirir um olhar diferenciado e respeitoso pelo educando. Deixa a desejar e inibe o aluno a adquirir a capacidade de agir e refletir sobre o meio em que vive, no qual é preciso influenciar as pessoas que estão ao seu redor de maneira consciente, criar um compromisso com a sociedade.

Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. [...] Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolivelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso.⁶⁷

Quando a inserção do aluno não condiz com o comprometimento do professor no dialogar, no agir, no pensar, não proporciona ato de reflexão ao educando, o seu estar e pertencer ao mundo, ele não é inserido no meio onde ele fará parte, não fará parte da transformação do meio em que vive. Sabe-se que todo o percurso de um indivíduo perpassa pela sociedade, vai ao encontro do outro e por muito que essa conduta vem a acrescentar algo em si e também no outro, existe uma troca de conhecimento e sabedoria nesse contato tornando-se uma relação significativa “capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo

⁶⁶ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Trad. Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 11.

⁶⁷ FREIRE, 1983, p. 16.

e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se”.⁶⁸

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação.⁶⁹

A historicidade do indivíduo se relaciona com o mundo, interage, cria vínculos e transforma o meio e se transforma, que tem compromisso um como outro e especialmente no meio social, assim não existe um indivíduo abstrato, mas um indivíduo concreto. Com isso, se existe a autenticidade do ser humano onde ele é responsável pela sua própria educação. “Não pode ser objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém”⁷⁰. É sabido que o indivíduo estabelece um relacionamento com o outro, desde que haja respeito entre ambos os lados, rendo compreensão do seu papel na sociedade, mesmo sabendo dos desafios e da realidade que se depara no decorrer do dia a dia e com isso o indivíduo consegue resolver problemas que fazem parte do desenvolvimento humano.

Com o desenvolvimento educacional do aluno, ele é capaz de resolver, desenvolver e criar por si só. “Um educador que restringe os educandos a um plano pessoal impede-os de criar. Muitos acham que o aluno deve repetir o que o professor diz na classe. Isto significa tornar o sujeito como instrumento”⁷¹. Seria formar um robô mecanizado e sem uma capacidade de ter sua própria criatividade, criticidade sem nenhum despertar intelectual diante de um mundo de diversidade, heterogeneidade de raça, cultura e amplo nível de conhecimento. E esses níveis de conhecimento só são possíveis com a busca constante de algo novo, que venha de encontro com as mudanças e o desenvolvimento.

O fato de valorizar a educação, no sentido ético e moral, diz Paulo Freire, que o problema central é a ilusão que é passada adiante, ou seja, tratar ilusoriamente a forma de educar ou de ensinar. Esse problema trata em reconhecer a desumanização que é feita com a sociedade na reflexão da formação do novo ser e na própria historicidade de cada um, pois estamos embasados de uma concepção interiorizada e ideológica. “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades

⁶⁸ FREIRE, 1983, p. 28.

⁶⁹ FREIRE, 1983, p. 27.

⁷⁰ FREIRE, 1983, p. 27.

⁷¹ FREIRE, 1983, p. 32.

dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”⁷². Essa visão se dá em alguns casos na educação inclusiva, onde é visto um descaso ou um fazer de conta ao ensinar o aluno.

No entanto, a valorização se remete ao envolvimento ético de quem está inserido neste contexto, professores, gestores, equipe administrativa, disciplinar, pedagógica, apoio e alunos. E ao falar em ensinar respeitando o outro, deve haver a reflexão na ação, e se for preciso na reformulação da ação para serem atingidos os objetivos inerentes ao sujeito, “a educação visa o homem, na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?”⁷³.

Esse avanço ou essa promoção é almejado de diferentes formas, onde a Pedagogia contemplativa vem abordar um ensino que visualiza a transformação da educação que interioriza e cultiva a qualidade construída e experiências existidas do indivíduo. Volta o olhar humanístico para o procedimento acadêmico e dá valor ao intelecto no todo, sendo vinculada na espiritualidade e no equilíbrio da prática e vivência adquirida ao longo da vida, interiorizando-se a aprendizagem. Com essa abordagem o professor de Ensino Religioso tem que ser prudente para não atingir o proselitismo, “defensores argumentam que a pedagogia contemplativa não entra em conflito com o estudo acadêmico da religião”.⁷⁴

Esse questionamento da prática de ensino da pedagogia contemplativa traz um novo modo de ensinar, leva o aluno não só a um conhecimento crítico, mas a construir seus próprios sentimentos, ou melhor, ter domínio dos seus sentimentos, desabrochar reações positivas às diversidades ocorridas no dia a dia, conseguir visualizar o lado positivo das coisas. Aproximar-se continuamente de sua própria alma e mente e entender o que ocorre em conjunto com o seu corpo. Entretanto, a pedagogia contemplativa busca diminuir o nível de estresse, que está alastrada na sociedade, onde o profissional busca entender essa prática de ensino, e seu conhecimento deve permear a área da humanidade e a das ciências. Assim o nível de criticidade de uma área e da outra, devem estar iguais, “uma ampliação de conscientização, e, eventualmente, a experiências auto contextualizantes que são a base de virtudes relacionadas a outros, como empatia, compaixão e amor, que fornecem uma base

⁷² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 16.

⁷³ SAVIANI, 2004, p. 35

⁷⁴ JACOBY, Sarah. Contemplative Pedagogy and the Religious Studies Classroom. In: JACOBY, Sarah; TINKLENBERG, Jessica (Eds.). *Contemplative Studies and the Religious Studies Classroom. Spotlight on Teaching. Religious Studies News*. Atlanta: American Academy of Religion, jun. 2019. p. 1. Disponível em: <http://rsn.aarweb.org/sites/default/files/PDFs/Spotlight%20on%20Teaching/Contemplative_Pedagogy_and_the_Religious_Studies_Classroom.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

crucial para o envolvimento social”.⁷⁵

Sugere-se que profissionais que atuam nessa nova área; que é a pedagogia contemplativa, tenham boas formações para ampliar as técnicas usadas. Assim, os estudos de diferentes áreas em especial históricas e filosóficas ajudam a ampliar o nível de conhecimento, melhorar os métodos de ensino e práticas. O professor tem como início a apropriação histórica do aluno, um bom método para ser usado com o aluno do TEA, ajudando a se entender e conhecer internamente. Brown⁷⁶ sugere o uso da pedagogia contemplativa em sala de aula, para conhecer o interior e abordar o ensino-aprendizagem de sua cultura que está interiorizada – religiosas ou espirituais – em um conhecimento de valores e aprendizagem pessoais, onde haja respeito e harmonia.

Os valores humanos sempre tiveram envolvimento no percurso de uma educação, seja ela inclusiva, religiosa, curricular ou a pedagogia contemplativa. Esse valor pode ser moral, social ou ético, que vêm firmar o conteúdo do Ensino Religioso, pois “conceitos como religiosidade, religião, espiritualidade e diversidade religiosa já não encontram mais tanta estranheza no meio escolar e na comunidade a ele ligada”⁷⁷. Tornam-se conceitos a serem trabalhados com o respeito ao outro, que muitos estão no seu íntimo clamando para ser desenvolvidos.

Para Saviani essa questão de valores é um questionamento que perpassa na educação atualmente com grande afinco, a busca de valores morais tem sido evidente nos discursos escolares, onde a própria disciplina de Ensino Religioso junto com seu cronograma curricular busca trabalhar esse assunto e enfatizar melhorias na formação dos alunos. É sabido que muitos não têm um embasamento de princípios morais no próprio lar, deixa a desejar as condutas que pais e responsáveis transferem a esses alunos, sendo que diante de estudos feitos e relatados no Capítulo 2, na Seção 2.2. Teoria de aprendizagem de Vygotsky, no qual é dada a importância do meio em que o indivíduo é inserido, esse meio cultural que trará a formação do indivíduo.

⁷⁵ ROTH, Harold D. Contemplative Pedagogy. In: JACOBY, Sarah; TINKLENBERG, Jessica (Eds.). *Contemplative Studies and the Religious Studies Classroom. Spotlight on Teaching. Religious Studies News*. Atlanta: American Academy of Religion, jun. 2019. p. 31. Disponível em: <http://rsn.aarweb.org/sites/default/files/PDFs/Spotlight%20on%20Teaching/Contemplative_Pedagogy_and_the_Religious_Studies_Classroom.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

⁷⁶ BROWN, Candy Gunther. Why I Do *Not* Use Contemplative Pedagogy in the Public University Classroom. In: JACOBY, Sarah; TINKLENBERG, Jessica (Eds.). *Contemplative Studies and the Religious Studies Classroom. Spotlight on Teaching. Religious Studies News*. Atlanta: American Academy of Religion, jun. 2019. p. 6. Disponível em: <http://rsn.aarweb.org/sites/default/files/PDFs/Spotlight%20on%20Teaching/Contemplative_Pedagogy_and_the_Religious_Studies_Classroom.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

⁷⁷ KRONBAUER, Selenir C. G. SOARES, Afonso M. L. *Educação e religião: Múltiplos olhares sobre o ensino religioso*. Coleção Docentes em Formação. São Paulo: Paulinas. 2013. p. 151.

Também o meio cultural se impõe a ele inevitavelmente. Já ao nascer, além de uma localização geográfica mais ou menos favorável, o homem se defronta com uma época de contornos históricos precisos, marcada pelo peso de uma tradição mais ou menos longa, com uma língua já estruturada, costumes e crenças definidos, uma sociedade com instituições próprias, uma vida econômica peculiar e uma forma de governo ciosa de seus poderes. Este é o quadro da existência humana. E neste quadro, o homem é encaixado – é enquadrado.⁷⁸

Essa preocupação é vista, no entanto, no dia a dia escolar que busca entender os contextos históricos que seus alunos estão inseridos, para assim poder auxiliar na progressão do estudante. Por meio de sua relação com o outro, sendo visto que o educando é um ser livre, autônomo, em busca de conhecimento, no qual ele está a todo o momento em mudança, e esse amplo nível de transformação se dá ao encontro dos valores e a valorização e essa transformação do sujeito vem através da sua relação com o meio e com o outro. Todavia, é sabido que há uma importância da relação horizontal do homem, no que diz de igual para igual, uma relação lado a lado, uma relação de colaboração com o outro, assim não há superioridade, não ser melhor que o outro, em especial visualizar a educação inclusiva de forma prioritária.

[...] o fato de reconhecer o valor do outro, a sua liberdade, indica que o homem é capaz de transcender a sua situação e as opções pessoais para se colocar no ponto de vista do outro, para se comunicar com o outro, para agir em comum com ele, para ver coisas objetivamente. E aqui se abre ao homem outro campo amplo para a valorização e os valores. Ver as coisas objetivamente significa aceitar o valor da verdade.⁷⁹

Para Paulo Freire a função de um professor é que seja democrático e leve ao estudante sua autonomia, curiosidade, capacidade de criticar e conseguir conhecer e reconhecer tudo ao seu redor, e, nesse sentido é exigido de “educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”⁸⁰. Assim se dá a construção do saber onde, juntos, tanto professor como aluno conseguem desenvolver o saber, um processo de aprendizagem onde o educando apreende com o professor e vice-versa. No entanto, o ato de ler com criticidade vem ao encontro de formar ideias e questionamentos sobre o que se é de fato.

⁷⁸ SAVIANI, 2004, p. 35.

⁷⁹ SAVIANI, 2004, p. 37.

⁸⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996. p. 13.

A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixo da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo.⁸¹

Para Paulo Freire, o professor que ensina o aluno a decorar e fazer grande recitação de lindos textos, esse professor está ‘podando’ as asas desse aluno, onde não há nenhuma construção, mas sim, uma teoria tecnicista, em que o aluno é mecanicamente inserido na sociedade, sem argumento e a criar seu próprio conhecimento. “Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo”⁸². Rubem Alves com sua dialética manifesta a importância de deixar os alunos criarem suas próprias asas, que seria buscar seus próprios conhecimentos diante de uma sociedade que tem muito que aprender e ao mesmo tempo ensinar. Fazer com que o voo seja a construção de seu conhecimento, não inibir ou destruir. Assim a escola “Pedro Herknhoff”, que possui uma vasta história de sua gestão, busca, por meio de iniciativas e interesses profissionais, levar os alunos ao encontro de novos conhecimentos por meio de projetos, onde se vê a interação de alunos em especial alunos público-alvo da educação inclusiva.

⁸¹ FREIRE, 1996, p. 14.

⁸² ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2002. p. 29.

3 ANÁLISE DO APRENDIZADO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO ENSINO RELIGIOSO DA ESCOLA “PEDRO HERKENHOFF”

O Capítulo 3 dá ênfase na finalidade do trabalho, fazendo uma comparação no ambiente escolar, com a história que permeia a criação da Escola “Pedro Herkenhoff” e como tem sido o atendimento especializado nesse espaço e o Ensino Religioso, analisando a preocupação dos envolvidos na formação do aluno. Descreve sobre o projeto Clique na Diversidade Religiosa, do Município de Velha, quando teve início o objetivo e quais foram as conquistas realizadas nesse projeto. Traz um parecer do envolvimento do professor de Ensino Religioso com a criança autista e quais foram as conclusões atingidas.

3.1 Análise do Projeto Político Pedagógico da UMEF “Pedro Herkenhoff”

Historicamente a Escola Pedro Herkenhoff era chamada de Escola Singular de Cobilândia, fundada em 1954. Sob a direção da professora Edith Scardua, em 1959, e mais três professoras, a escola passou a se chamar “Escola Reunidas de Cobilândia”, e, assim, após quatro anos, foi construído o Grupo Escolar “Pedro Herkenhoff” sendo, desse modo, a escola mais antiga do Bairro de Cobilândia, com turmas de 1ª a 4ª série e sob a direção da professora Maria Licínia Scardua Lellis e, nesse período, era administrada pelo governador Dr. Francisco Lacerda de Aguiar. Em 1972 foi administrado pela Secretaria de Educação, junto com a Prefeitura Municipal de Vila Velha, através de um convênio mantido pelo FEMEM, órgão municipal especializado e passando a se chamar Escola Integrada “Pedro Herkenhoff”, tendo como diretor o professor Mario Bem Dias de Moura e, no ano de 1979 a escola passa a se chamar Escola de 1º e 2º grau “Pedro Herkenhoff”.

Pedro Estelita Herkenhoff foi jornalista, economista, professor e engenheiro, nasceu na cidade de Cachoeiro de Itapemirim em 07 de abril de 1927 e faleceu com 36 anos, casou-se com 28 anos com Héliida Amorim Lima e tiveram três filhos: Maria Beatriz, Alexandre e Eloisa. Foi um garoto levado e travesso, mas tinha uma personalidade profundamente humana, era bem-humorado e sorridente e sempre pronto a ajudar o próximo. Sua organização com as atividades o levava a atingir várias agilidades, com isso atingiu todos seus objetivos. Era um menino inteligente e tinha capacidade de solucionar os problemas, e assim caminhava em direção ao essencial.

Tendo nascido num lar profundamente cristão, sua existência foi toda impregnada de um cristianismo autêntico e profundo, que transpareceu em sua vida e nos escritos que deixou,

principalmente em defesa da justiça social, aspecto do ensino, da religião, da moral, das filosofias do mundo. Destacou-se por sua inteligência extraordinária e caráter sem igual, mas acima de tudo encontramos nele uma vida profundamente espiritual, tão rara no mundo atual e que fizeram dele uma criatura fora do comum. Tudo o que fez procurou fazer bem, foi bom filho, bom irmão, bom esposo, bom pai, bom mestre, bom colega e amigo de seus filhos em todas as horas.

Formou-se em Contabilidade em 1944, na Escola Técnica de Comércio de Cachoeiro de Itapemirim; Ciências Econômicas em 1951, na faculdade de Economia e Finanças do Rio de Janeiro; cursou Engenharia Civil em 1956, na escola Politécnica do Espírito Santo, ao término do curso recebeu o Prêmio de Melhor Aluno; foi professor e diretor do Estabelecimento de Ensino Professor Alfredo Herkenhoff. Em 1954 foi convidado pela ONU para exercer funções como economista; em 1962 passa a integrar o Conselho Estadual de Educação, e foi eleito presidente. Membro da Associação de Jornalistas Profissionais do Espírito Santo; Presidente da Comissão de Assistência Educacional de Cachoeiro de Itapemirim; extinto órgão do Fundo Nacional do Ensino Médio e em 1963 foi escolhido pelo governador do Estado, Francisco Lacerda de Aguiar, para ocupar o cargo de Secretário da Educação.

Sua devoção à vida espiritual sempre esteve em evidência, em 1940 ingressou na Congregação Mariana, fundador e presidente do Círculo de professores católicos, semanalmente ensinava catequese no sanatório usando filmes ilustrativos e também na cadeia; promovendo, uma vez ao mês, um show para os detentos com a cooperação da rádio local, promovendo ainda o Natal dos presos e um bingo para adquirir cadeiras para o salão, onde os presos passaram a assistir o show. Com iniciativa dos presos esse salão passou a chamar-se “Pedro Estelita Herkenhoff”, levantava todas as manhãs para fazer leitura e meditação espiritual, participava das aulas de Curso para Noivos e escrevia para a Rádio Cachoeiro “*A Hora Mariana*”. E em sua homenagem hoje tem vários espaços públicos com o seu nome.

A UMEF “Pedro Herkenhoff” possui 173 m² de espaço de construção, 16 salas de aulas: Sala dos Professores, Sala da Diretoria, Secretaria, Coordenação, Laboratório de Informática, Cozinha, Refeitório e Biblioteca. A escola não dispõe de quadra poliesportiva e a Educação Especial faz o atendimento especializado em um espaço improvisado na biblioteca escolar.

A comunidade onde se localiza a escola é de classe média, média baixa e baixa, composta de micro empresas, empresários, funcionários públicos, assalariados e profissionais liberais. Possuem empreendimentos nas áreas de confecção, móveis, transportes, informática,

alimentação, comércio atacadista e varejista, construção civil, farmacêutico, escolas públicas e particulares. A infraestrutura é abaixo das potencialidades, a arrecadação de impostos é grande, mas não retorna como benefício para a população. Sofre problemas de alagamento e o saneamento básico é deficiente, não suprimindo a demanda da população. Ressaltamos, ainda, a falta de sinalização para a travessia dos alunos para acesso à escola, sendo este um grande problema enfrentado pelos alunos moradores da região, além de não haver ciclovia no bairro.

A escola tem como objetivo geral desenvolver um trabalho coletivo de forma a contribuir para a formação de todos os educandos, de modo que possam compreender-se nesse mundo, desenvolvendo competência que lhes permitam atuar como cidadãos conscientes e críticos em seu meio social, não apenas reagindo a ele, mas atuando para o desenvolvimento pleno e na aquisição de conhecimentos, capacidades e valores morais. No projeto político pedagógico não consta nada específico em relação à educação inclusiva, a não ser o esclarecimento que não há uma sala específica para o atendimento e não nada declara sobre o Ensino Religioso em suas dependências, como deve ser ministrado e nenhum levantamento da diversidade religiosa que incorpora a comunidade.

Se a Religião é presença constitutiva das existências humanas, e, desse modo, a educação religiosa é imprescindível, vê-se que o Ensino Religioso, como a ordenação intencional desse conteúdo no espaço escolar, torna-se tão sério quanto qualquer outro componente pedagógico, obrigando-nos a desenvolver a nossa competência para tal empreita.⁸³

No entanto, é vista a serenidade do Município de Vila Velha, que tem dado ênfase na disciplina de Ensino Religioso, ressaltando a importância da matéria na rede pública de ensino e lembra-se da raiz que embasa todo conteúdo histórico que é a religião, no que diz respeito à construção da historicidade do município onde teve início a colonização do Estado do Espírito Santo. Prepara os profissionais para atuarem de modo coerente através de formação e pesquisa continuadas, além de seminários e cursos online, com proposta de elevar o ensino e o reconhecimento da disciplina na grade curricular.

3.2 Políticas públicas, projeto Clique na diversidade religiosa e cultural

O Clique na Diversidade Cultural e Religiosa é um projeto criado para desenvolver a tolerância religiosa, numa sociedade enraizada de preconceitos e discriminação, onde há

⁸³ SENA, Luzia (Org.). *Ensino Religioso e Formação Docente: Ciências da Religião e Ensino Religioso em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 19.

existência de atos e conflitos religiosos, ocorridos no dia a dia de comunidades que, aparentemente, pensa no outro. Mas por trás de uma historicidade que ignora e pratica a intolerância religiosa, “tolerar não significa ser indiferente aos discursos e expressões religiosas, nem conceder espaços para que o outro se manifeste, por que estaríamos novamente reproduzindo o erro da hierarquização”⁸⁴. Entende-se que o Ensino Religioso em sua história foi ofertado de forma catequética. “A situação do ER introduzida na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no ano de 1961 (LEI 4.024), homologou o modelo mais antigo de ER utilizado em todo o território nacional: o ER confessional”⁸⁵. Isso trouxe uma imagem negativa para o Ensino Religioso ministrado nos dias atuais.

Sabe-se que ainda existe o Ensino Religioso Confessional, com o objetivo de favorecer a integralidade humana, com a ampliação da informação de princípios morais e religiosos, sendo esse ensino ofertado em escolas confessionais que ainda são permitidas na sociedade. Tendo em vista que somente é matriculado o aluno que as famílias estão de acordo com o currículo. Na Constituição Federal do ano de 1988 houve uma preocupação em adotar os direitos sociais e vigorar os direitos individuais e da autonomia pública.

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais;
1º O ER, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.⁸⁶

Essa lei veio objetivar e ampliar a visão democrática da população, que era necessário ter, e ainda é de extrema importância nos dias de hoje, onde há a necessidade de manifestar suas diferenças religiosas e a pluralidade cultural, igualdade na frequência e permanência da escola, no qual traz a reflexão das crianças público-alvo da educação especial, respeito à liberdade de expressão e de suas ideologias. Assim, o Ensino Religioso no Município de Vila Velha tem a iniciativa de inserir um ensino que se relaciona com o outro de forma solidária, onde é almejada a eficácia do ensino na rede pública de ensino.

É sabido que alunos sofrem preconceitos diante do percurso escolar, que são

⁸⁴ RODRIGUES, Elisa; OLIVEIRA, Tânia Alice de. PIBID de Ensino Religioso: Uma proposta de educação para relações de equidade em contextos de diversidade religiosa. *Estudos Teológicos*, v. 58, n. 1, p. 73-86. São Leopoldo: EST, jan./jun. 2018. p. 76. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3171/pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

⁸⁵ JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso: aspectos legal e curricular*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 31.

⁸⁶ BRASIL, 1988, artigo 210, inciso I.

discriminações feitas de diversas formas, uma delas é a intolerância religiosa, que muitos se sentem envergonhados de expor suas próprias crenças, onde existe uma sociedade laica; direito de todos expressarem sua crença e seu costume⁸⁷, com esse intuito, a formação continuada do grupo de professores atuantes da área visa conhecimento e reflexão da equipe formadora que, por sinal, é de grande competência. Essa equipe busca material pedagógico para embasar os estudos e o aperfeiçoamento de ensino e auxiliar os professores atuantes, no qual esses professores têm a formação inicial em outras graduações e somente a pós-graduação o requisito básico para lecionar a disciplina. Essa pós-graduação é na área de Ensino Religioso ou em Ciência das Religiões, lembrando que deve haver uma preocupação com o currículo que esteja fundamentado com a proposta do Ensino Religioso. Para Giroux⁸⁸, que criticava o currículo dominante, aponta que o currículo deve embasar a política cultural, o caráter histórico e social, “[...] também estava preocupada em desenvolver análises que levassem em conta as formas pelas quais estudantes e docentes desenvolvem, através de processos de negociação, seus próprios significados sobre o conhecimento, o currículo e a vida educacional em geral”⁸⁹.

O ensino escolar, pautado no currículo cultural, histórico e social, busca a ampliação do conhecimento cultural e a diversidade religiosa, é a forma em que os professores buscam e se empenham em ensinar ou levar ao aluno a criar sua própria criticidade naquilo que é transmitido no Ensino Religioso no Município de Vila Velha, que procura ampliar o conhecimento e cumprir os requisitos básicos de um ensino da diversidade religiosa e cultural. Visando a construção social e histórica de um currículo que valoriza a pedagogia e a esfera pública democrática para a ampliação da atuação consciente do educando em uma sociedade historicamente com costumes e tradições diversificadas.

O âmbito escolar traz muitos preconceitos que os profissionais precisam estar atentos para lidar com diferentes situações que vão desde a inclusão intelectual, física, social, raça até a religiosa. Compromete o desenvolvimento do currículo, para construir a intervenção de condutas de boas práticas de educação e de credibilidade na diferença. Momento o qual conflitos religiosos ofuscam o entendimento das pessoas e são mantidas por convicções ideológicas, onde se é visto em outros países. Assim, o município busca discutir situações que advêm de atos incoerentes das pessoas mal informadas. Com esse objetivo é implantado e

⁸⁷ BRASIL. *Lei n.º 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

⁸⁸ GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

⁸⁹ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 53.

discutido entre grupos de professores nas formações continuadas e no grupo de pesquisa de professores de ensino religioso, que ocorrem mensalmente.

Para Saviani⁹⁰, a formação do profissional da educação vem além do que se passa em sala de aula, mas, sim, deve haver uma visão da vida corriqueira do educando, onde visa à conjugação e as experiências vividas na sua vida familiar e social, porém, a formação continuada e os estudos do grupo de pesquisa devem ser embasados com teorias e colocados em prática. A educação é um direito de todos e esse deve ser dado acesso à cultura e à leitura diversificadas, e a frequência à escola, teatro, cinema, espaços públicos cultural, histórico e sagrado. Com a teoria consolidada, a elaboração e a formação são significantes para o meio educacional em especial para o grupo de professores de Ensino Religioso.

A elaboração de propostas curriculares para os cursos de formação de docentes, em especial para o Ensino Religioso, tornou-se um desafio para as equipes pedagógicas, uma vez que se faz necessário pensar a escola como espaço de formação e constituição de pessoas, em articulação com as diferentes de saberes.⁹¹

Kronbauer traz essa discussão como um novo tema a ser argumentado dentro das escolas de Ensino Fundamental como nas universidades. Tem um bom reflexo dentro de sala de aula a formação continuada dos professores, onde é o espaço que realmente deve ter os resultados e aplicação de tudo que se é apreendido. Traz um questionamento sobre a reorganização do currículo das próprias universidades em que ofertam as licenciaturas. Sabe-se que a formação de professores é de constante desafio, assim, a busca de atualização de materiais e assuntos que são pautados no percurso escolar devem ser inseridos na formação, que por sua vez tenham a sensibilidade das necessidades da educação, não esquecer que existem, no âmbito escolar, diferentes pessoas e níveis sociais e intelectuais que devem ser atendidos.

Tendo em vista essa discussão, o grupo de pesquisa e formação continuada de Ensino Religioso, junto com o setor de biblioteca, que desde o ano de 2015 vem articulando o Projeto Entre Versos e Rimas no Município de Vila Velha, no qual é um projeto que objetiva a leitura e a produção de texto, proporciona aos alunos a afetividade pela leitura. Assim, o Projeto Clique na Diversidade Religiosa e Cultural vem resgatar e ampliar a visão de outras culturas religiosas no debate em sala de aula, com isso o conhecimento da historicidade do município, os aspectos religiosos e culturais vêm de encontro com que diz Passos “terem objetos,

⁹⁰ SAVIANI, Dermeval. *Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI*. Revista HISTEDBR online, Campinas, n. 3, jul. 2001. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/visis/visis03/art1_3.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

⁹¹ KRONBAUER, 2013, p. 159.

metodologias e teorias que acumuladas compoñham um conjunto coerente e consistente que normalmente adquire o status de ciência”⁹².

A escola tem o dever de inserir o aluno em novos projetos, fazer com que tenha interesse em trilhar novos sonhos e caminhos, ser autônomo em suas atitudes, buscar a ampliação de argumentos e formação intelectual. Trazer o aluno a pôr-se ativamente na sociedade que está inserido, e ajudar na construção da mesma. Esse olhar na diversidade cultural e religiosa, desperta no educando e familiares o respeito à diversidade religiosa, pois ao ter a responsabilidade de argumentar sobre o assunto, trará o entendimento para o convívio familiar, e haverá o reconhecimento de uma sociedade harmoniosa com diferentes crenças como é estabelecido na Declaração Universal de Direitos Humanos no artigo XVIII, até por que “todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular”⁹³.

A sociedade vem discutindo o direito e a liberdade de escolha, essa liberdade para muitos ainda não ficou clara, pois vivem em meio à intolerância religiosa e de escolhas. Com essa iniciativa os professores de Ensino Religioso criam um debate sobre a pluralidade religiosa de forma respeitosa e ampla, mas com a abordagem de ensino que contribui para as manifestações religiosas. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNES), é dito que é função da escola levar o aluno sair da opressão que muito é imposta pela sociedade e, nisso buscar novos caminhos, novos horizontes, criar sua própria história. “Através da reflexão, educador e educando rompem com as prisões que os prendem à segurança ilusória oferecida por objetos, situações e autoridades não legítimas”⁹⁴.

No entanto, o projeto vem com o objetivo de ampliar a leitura e a pesquisa sobre a diversidade cultural, religiosa e histórica do Estado do Espírito Santo, vindo oportunizar o conhecimento do sagrado, que está historicamente embasado na colonização do nosso Estado. Assim, os alunos são motivados a desenhar ou fotografar um espaço que represente a diversidade religiosa ou cultural do Espírito Santo. Sendo que aos discentes do 3º ao 5º ano é estabelecido o desenho, já aos alunos do 6º ao 9º fica o encargo de fotografar, além de redigir um breve texto de o porquê do desenho ou da fotografia.

⁹² PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: Construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 24.

⁹³ NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal de Direitos Humanos*. UNIC/Rio/005, jan. 2009. p. 10. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁹⁴ FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DE ENSINO RELIGIOSO (FONAPER). *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009. p. 42.

Tabela 2 – Divisão de categoria dos trabalhos

CATEGORIA DE DESENHO	ENSINO FUNDAMENTAL I
Desenho na folha A4; colorido com lápis de cor, giz de cera ou canetinhas hidrocor; com boa visualização e inédito. O desenho deverá ser apresentado numa só face do papel, em folha de ofício A4. Em outra folha, escrever o motivo que o levou a escolher a cena em questão.	3º ao 5º ANOS
CATEGORIA DE FOTOGRAFIA	ENSINO FUNDAMENTAL II
Fotografar na linha horizontal e revelar em papel fotográfico, com uma boa resolução, dimensões de 10x15 cm, em cores, com boa iluminação, boa visualização e inédita. Em outra folha, escrever o motivo que o levou a escolher a cena em questão. ⁹⁵	6º ao 9º ANOS

O pré-requisito para participação do aluno, dentre outros, não é permitido ter parentesco algum até o terceiro grau com nenhum membro da comissão julgadora, cada escola poderá submeter a dois trabalhos por turno. A comissão julgadora é organizada da seguinte maneira: professores, escritores capixabas, artistas e especialistas ligados à arte e à cultura espírito-santense. Os envelopes devem ser entregues na sala de formação/SEMED lacrados, com ficha de inscrição preenchida e assinada pelo professor-coordenador. São escolhidos 15 alunos e todos recebem medalhas, cinco livros, e concorrem à premiação no momento da entrega dos prêmios, quando é feita uma apresentação do projeto. No dia do evento é uma grande festa, com momento de apresentações variadas da cultura capixaba, com danças e músicas apresentadas por alunos. Após esse momento, os alunos são homenageados, em especial os participantes, tendo como convidados, os professores, gestores, vereadores e secretário da Educação.

⁹⁵ A Secretaria Municipal de Educação de Vila Velha (ES) organizou e executou o Projeto de fotografia e escrita “*Clique da Diversidade Cultural Religiosa*” no município de Vila Velha. Com objetivo de perceber e sistematizar os conhecimentos fundamentais para a compreensão crítica da diversidade cultural religiosa e dos direitos humanos no contexto social, político e educacional contemporâneo. Disponível em: <<https://ipfer.com.br/blog/espírito-santo-projeto-clique-da-diversidade-cultural-religiosa/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Tabela 3 - Critérios de seleção dos trabalhos (foto/desenho/texto):

Critério	Pontuação	Descritores
Tema	10	Contextualizar: Se o trabalho está relacionado de forma pertinente ao assunto proposto (diversidade cultural, histórica, religiosa e/ou monumentos históricos do Espírito Santo).
Organização do texto/foto/desenho	20	Relação lógica entre o texto e a imagem.
	30	Clareza das informações sobre a foto/desenho e das descrições apresentadas
Criatividade Originalidade Comunicação	20	O título é pertinente em relação ao tema? Instiga a leitura do texto? O autor usou recursos adequados para prender a atenção do leitor? O texto convence o leitor?
Convenções da escrita	20	O texto atende às convenções da escrita (morfofossintaxe, ortografia, acentuação, pontuação)? ⁹⁶

Diante das perspectivas vividas, o ser humano é constituído de significações, quando inserido em um mundo de pluralidade religiosa, seu contexto social é ampliado e o relacionamento com a sociedade adequa-se às experiências e as riquezas existentes em nosso redor. Embora o Ensino Religioso na escola venha com pressuposto de ensinar os estudos das religiões, que se fundamenta num grande valor da educação para a cidadania, onde se apreende a tolerar a diversidade religiosa, sendo uma vasta riqueza dessa diversidade. Para Sanchez⁹⁷, essa diversidade leva estudiosos da Ciência da Religião a sistematizar as características tipográficas para um melhor entendimento. “Esse desafio indica uma dificuldade quanto mais complexo e rico o campo religioso, maior será a dificuldade do ponto de vista teórico para formular os instrumentos que possibilitem uma compreensão adequada dele”⁹⁸.

O campo religioso é de uma beleza plural, de expressão religiosa em diferentes situações igualitárias, traz consigo o entendimento do mundo e seu envolvimento com as religiões existentes dentro de uma sociedade. Com isso, passa a ser responsabilidade da disciplina de Ensino Religioso apresentar as religiões mundiais, ao menos as principais e suas historicidades, para adentrar objetivos que possam auxiliar os alunos nas mudanças de comportamentos, tendo boas atitudes e tolerância ao novo, ao diferente de seu conhecimento ou da sua ideologia, “[...] exigem dos professores escolares envolvidos um trabalho pedagógico em favor de um clima nacional que promova a coexistência das religiões, o

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ SANCHEZ, 2005, p. 103.

⁹⁸ SANCHEZ, 2005, p. 104.

respeito religioso e a tolerância”⁹⁹.

Assim, saber que a disciplina de Ensino Religioso, junto com o projeto Clique na Diversidade Cultural e Religiosa, vem tratar dentro de sala de aula e entender o lugar sagrado; se familiarizar com esse espaço, como pode lhe trazer paz e tranquilidade no dia a dia. Onde muitos sujeitos não conseguem identificar, dentro de uma sociedade que é desinteressada aos conhecimentos de natureza divina. No entanto, o espaço sagrado é um espaço onde se expressa afetividade, paz interior e acolhimento, auxilia os educandos ao entendimento de que o sagrado pode estar bem próximo, depende da visão e da experiência que o outro tem daquele lugar.

Dessa forma o professor pode e deve criar um diálogo, onde possa ser visualizado esses espaços pelo o aluno, e identificar a diversidade religiosa, pois um espaço sagrado para um, não seja um espaço sagrado para outros, “[...] inclui a criação da própria Terra. E pelo fato de ter sido obra divina, toda a criação está impregnada e reflete essa divindade. Conseqüentemente, tudo é sagrado, também a Terra”¹⁰⁰. No entanto, o conhecimento por meio de projetos e atividades traz informação da diversidade religiosa e da filosofia de vida, de modo científico no qual a sociedade está em busca de algumas explicações, isso devido à falta de tolerância que ocorre no dia a dia, com intuito de assegurar um Estado laico o Município de Vila Velha venha, através do Clique na Diversidade Cultural e Religiosa instruir o educando.

3.3 Desenvolvimento e aprendizagem da criança autista no Ensino Religioso

O desenvolvimento e a aprendizagem da criança com TEA se devem, em primeiro lugar, à capacitação dos profissionais da educação. O professor necessita, com esse transtorno, possuir um grau intenso de sensibilidade para perceber o nível de comprometimento de seus alunos, se leve, moderado ou grave, e, assim poder tomar o direcionamento ideal para aplicação pedagógica a ser trabalhada com seu público-alvo. Sabe-se que a criança com TEA tem atraso na linguagem, não podendo ser generalizado, mas, a maior parte sim, apresenta atraso no meio de comunicação, possuindo atraso na alfabetização, e requer mais empenho na hora de alfabetizar. Para Chiote, a linguagem é fundamental para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Ampliando para o Ensino Fundamental que, caso não tenha uma boa base na Educação Infantil, como será produtividade nos anos

⁹⁹ SENA, 2006, p. 54.

¹⁰⁰ KRONBAUER, 2013, p. 161.

posteriores, no qual é fundamental a comunicação, pois, é através dela que os alunos interagem uns com os outros, faz com que o diálogo se interiorize em cada um que faz parte desse diálogo. Desse modo amplia-se o conhecimento e sua apropriação.

Como a linguagem é fundamental na inserção e interação no meio social que são fundamentais para o desenvolvimento infantil, nossa reflexão visa analisar como a linguagem do outro pode favorecer o desenvolvimento da criança com autismo no espaço da educação infantil, possibilitando formas de se perceber e participar das práticas culturais estabelecidas nesse espaço.¹⁰¹

Entender a importância da linguagem para a leitura, no que diz respeito ao desenvolvimento do aluno no âmbito escolar, mas isso pode ser ampliado na interação familiar, pois com a dificuldade da criança de interagir com o outro, expor seu pensamento, codificar símbolos e objetos, se relacionar, falar de suas necessidades momentâneas e duradoras fica difícil o entrosamento entre aluno e professor, filho e pais. Por esse motivo é de extrema necessidade um diagnóstico o quanto antes melhor, pois os acompanhamentos com terapias e fonoaudiologia podem favorecer esse quadro de deficiência. Mas, para isso, é preciso o interesse de um grupo de pessoas, começando pela família, que deve sim observar se seu filho está no estágio certo, mesmo quando os pais nem sabem o que é estágio, mas devem observar outras crianças e fazer uma breve comparação.

Mesmo sabendo que criança não se compara, pois cada uma tem o seu próprio tempo, mas existe uma limitação, e que, por mais que a família seja desinstruída de informações básicas, deve haver uma observação. Por esse motivo a Educação Infantil é de extrema importância, pois ali está o profissional da educação que visualiza pequenos detalhes, mas deve haver muito cuidado, uma das preocupações que deve ser salientada pela gestão escolar é a capacitação do professor. Veem-se professores, formados há mais tempo, não ter interesse em uma formação continuada, sendo que temos que seguir a atualidade, pois como o autismo que é um transtorno da atualidade, existem outros que também estão surgindo de forma intensiva na sociedade. É para isso que existe a capacitação, e não para retirar profissionais e colocar outros.

Através de pesquisas atuais estima-se que dentre 58 crianças, uma é portadora do TEA, isso mostra como tem aumentado a quantidade de crianças em todo o mundo, pode-se ser variados de modo que em alguns casos podem ser mais intenso que outros, no convívio social, movimentos comportamentais, ansiedade, agressividade, e na linguagem, como foi

¹⁰¹ CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. *Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. p. 44.

relatado nos parágrafos acima. Não existe uma média para tal, pois cada um apresenta uma singularidade que outra não apresenta, assim não deve haver uma regra de como essa criança vai se socializar com o outro, ou como será a aprendizagem desse aluno. Para o pesquisador e professor de pediatria e neurociência, Dr. Charles Nelson¹⁰², que atua em uma das mais importantes universidades, Harvard, ele também é responsável pelo laboratório do Hospital Infantil de Boston e investiga o TEA faz 12 anos. Diz não saber ao certo a causa do transtorno e que ainda não há uma forma correta para tratar, com isso os pais se sentem inseguros e vulneráveis diante da situação.

A própria saúde não sabe o modo correto para tratar a criança com TEA, leva em conta que um diagnóstico dado no princípio de sua idade auxilia melhor no tratamento, Nelson tem feito pesquisas em bebês a partir de três meses, sendo que já existem casos na família de irmãos que tenham o transtorno. Ele tem checado que esses bebês não têm dado respostas aos estímulos, como olhar dentro dos olhos, atender a um chamado: mantêm-se no seu mundinho. Isso já é um comportamento que embasa cientificamente o diagnóstico do TEA e é um distúrbio que advém do cérebro, a formação dos neurônios que, desde cedo é observada uma diferença, porém nesse mesmo artigo relata sobre curas que pais vêm procurando em meio ao desespero, e uma dessas curas é um medicamento que a base é uma mistura de alvejante que corroem a garganta trazendo náusea e até fatalidades respiratórias, sendo proibida sua comercialização no país.

Esses relatos trazem uma ampla visão de como se sentem as famílias que possuem um ente querido com TEA, dá a entender que muitos se sentem desamparados por não haver uma fórmula correta para o tratamento e desenvolvimento dessas crianças. A religião, de algum modo, se preocupa com o bem-estar das pessoas com algum tipo de deficiência, existe a EDAN¹⁰³, que é uma organização de nível internacional, atua com a colaboração de organizações ecumênicas regionais da Europa, América do Norte, América Latina, Caribe, Oriente Médio, África, Ásia e Pacífico. Busca orientar teólogos e educadores da área de teologia inclusiva, seu foco está em ajudar para a construção de uma sociedade justa e igualitária. “Todos nós carregamos os fardos uns dos outros para cumprir a lei de Cristo” está escrito no livro de Gálatas 6:2.

¹⁰² Apud IDOETA, Paula Adamo. *Autismo: as descobertas recentes que ajudam a derrubar mitos sobre o transtorno*. BBC News. Ciência e Saúde, 16 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/16/autismo-as-descobertas-recentes-que-ajudam-a-derrubar-mitos-sobre-o-transtorno.ghtml>>. Acesso 28 fev. 2020.

¹⁰³ EDAN. CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Discurso sobre Deficiência em Igrejas e Instituições Teológicas*. Disponível em: <<http://www.edan-wcc.org/programs/disability-discourse-in-churches-and-theological-institutions/>>. Acesso 21 fev. 2020.

O enfoque, porém, Ensino Religioso, na escola, não é em relação ao ecumenismo, mas é visto que alunos que têm uma crença, independente de qual seja, ela é mais focada na disciplina, pois eles associam a disciplina a uma religiosidade, e muitos deles buscam, com seu simples entendimento, focar na aprendizagem da disciplina. Assim sendo, quando o professor busca um entendimento melhor de sua deficiência e suas limitações. Portanto, o professor de Ensino Religioso, através de uma boa formação, tem sensibilidade com o outro, isso é um ponto positivo dos profissionais que atuam nessa disciplina. Porque muitos professores já têm em sua vida particular uma crença e uma postura do diferente e da importância de se relacionar, no intuito de fazer o melhor e buscar meios pedagógicos para uma atuação que propicie uma aprendizagem de qualidade.

Para o Dr. Clay Brites¹⁰⁴ que é um neurologista infantil e atua como formador no instituto *Neuro Saber*, diz que a criança com TEA deve ser bem avaliada antes de iniciar um trabalho ou uma técnica, essa avaliação deve ser feita no ponto de vista da linguagem e do neuropsicológico, porque alguns alunos têm além do transtorno, uma deficiência intelectual que juntos dificultam ainda mais a atuação dos profissionais. Sabendo que a educação inclusiva está cada dia mais ampla, com diferentes déficits e distúrbios e o aluno do TEA tem uma perda significativa na linguagem social, textual e a desestruturação de linguagem, sendo um assunto que foi bem esclarecido no capítulo 2.2 Teoria de aprendizagem de Vygotsky, onde apresenta a formação do pensamento e da linguagem. Assim a criança terá algumas limitações, pode ser na leitura, escrita e cálculos. Mas tem que haver uma clareza dessas situações, que nem todos os alunos do TEA vão apresentar essas dificuldades, porém a maior parte deles sim.

A escola, num primeiro momento, é o local onde deve haver a preparação do acolhimento desses alunos, pois muitos deles não participam de nenhum outro local que tenha grupos de pessoas, então a iniciativa da escola é auxiliá-los a serem ativos em suas atividades, de maneira que os envolva com o grupo. O regente de sala deve oportunizar atividades pedagógicas que ajudem na interação uma com a outra, podendo criar meios, construção de materiais didáticos com a ajuda das outras crianças, assim passa a existir uma preocupação dos colegas com o aluno autista. Sendo uma iniciativa que traz uma conscientização de todos e um interesse dos colegas em proporcionar um ambiente acolhedor e focado no ensino-aprendizagem com igualdade a todos.

Será preciso, da parte de todos, um amparo para esse processo, é fundamental uma

¹⁰⁴ *AUTISMO e aprendizagem escolar*: Lives NeuroSaber. Live com Dr. Clay Brites, 28'13", 22 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SRsXLkTQ7Iw>>. Acesso em 31 mar. 2020.

equipe multidisciplinar que esteja relacionada e apoie a metodologia da escola, porque, a criança com TEA tem uma rotina que deve fazer parte do seu dia a dia e a importância do entrosamento de “professores que possam favorecer práticas inovadoras que garantam igualdade de oportunidade”.¹⁰⁵

Então, as propostas curriculares para o ensino terão que ser adaptadas para a aprendizagem de crianças com TEA, sabendo que cada uma delas tem seu grau e especificidade e, dependendo, é preciso um professor especializado para o acompanhamento desses alunos durante todo o horário de aula. Para Bastos, tem um grande contratempo da teoria à prática, esse afastamento cria um receio muito grande entre o professor em relação ao aluno, como se vai trabalhar e colocar em prática o que se é aprendido.

O professor ao assumir a condição de aprendente, reflete e assume sua autoformação no sentido de ratificar cada vez mais a escolha da profissão que escolheu e desta forma fortalece sua identidade profissional e pessoal, num processo de bidirecionalidade do ensino aprendizagem num contínuo ato de aprender para melhor ensinar.¹⁰⁶

Assim se faz necessário à oferta de cursos para habilitar esses profissionais que, de alguma forma, se sentem apreensivos com o novo. Sabe-se que o aluno com TEA tem melhor aprendizagem pela metodologia visual e concreta. Então, o uso de jogos educativos, de repetição de palavras, quebra-cabeças, jogos de números e outros mais se fazem necessários, sempre com metodologia assertiva, com respostas exatas, uma linguagem direta, objetiva, e utilizando materiais que lhe chamem atenção ou com os quais essa criança esteja familiarizada. Daí ser essa uma preocupação que o professor deve possuir com esses métodos que fazem com que o aluno do TEA se sinta acolhido no ambiente escolar. Porque, no seu interior, os alunos com TEA entendem o que lhes está sendo proporcionado especificadamente, e quando os objetivos são atendidos na sua necessidade, o seu interesse pela escola é diferente.

Quanto mais conhecemos o outro, menos seremos preconceituosos, e quando se vê a subjetividade da proposta escolar, principalmente no âmbito do ensino religioso que é requerido ensinar o abstrato, coisas que não são concretas. Então o professor deve se adaptar e trazer o que é visualizado e palpável pelo o aluno com TEA para, assim, ele interioriza o que

¹⁰⁵ BASTOS, Ana Cristina de Almeida Cavalcante. Formação do Professor do Ensino Religioso e os saberes necessários para uma educação inclusiva. In: III CONEDU. *Anais...* Congresso Nacional de Educação, 05 a 07 de outubro de 2016. p. 2. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA7_ID3549_15082016173211.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

¹⁰⁶ BASTOS, 2016, p. 7.

lhe é proposto, é sabido que a interiorização do real traz um conforto na aprendizagem, que lhe deve ser ensinado. O método *Applied Behavior Analysis* (ABA)¹⁰⁷, que é uma terapia comportamental especializada em TEA, oferece um programa de ensino que busca fazer de repetições um grau de nivelamento, esse método é muito usado por terapeutas ocupacionais, não fica restrito ao uso somente de terapias, mas pode ser usado em conjunto com a escola.

Quando a criança do TEA atinge a um nível de conhecimento, ou ela responde ao estímulo que foi dado, é interessante que o professor amplie o comando e, assim, sucessivamente. Com isso a criança passa a ter um amplo conhecimento do que se requer que ela aprenda. Deve ser criada uma rotina, expor figuras dentro de sala de aula, para sinalizar materiais e objetos, ou criar cartilhas de organização de ideias, para facilitar o que já foi ensinado. O professor de Ensino Religioso que atua em cada turma somente uma vez por semana, ou uma aula por semana, precisa ser um professor especialista, necessita objetivar organizar o horário e dia e criar uma agenda para o aluno do TEA, interiorizando o dia da aula e o horário, o mesmo fazendo com as outras disciplinas. Para isso será requerida uma equipe comprometida no progresso do aluno, com o apoio da gestão, da equipe pedagógica, do professor especializado e os professores das demais áreas, que, no caso do Ensino Fundamental II, é uma quantidade relevante de profissionais.

¹⁰⁷ LEAR, Kathy. *Ajude-nos a aprender: Um Programa de Treinamento em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido*. Manual de Treinamento em ABA. Parte 1. Trad. Margarida Hofmann Windholz *et al.* Toronto, 2004. Disponível em: <<http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

CONCLUSÃO

A pesquisa trouxe um amplo conhecimento do TEA, a historicidade, a aflição e as conquistas alcançadas até os dias atuais. Pelos relatos dos familiares dos alunos que fazem parte dessa pesquisa, dei nomes simbólicos de João e Mateus, a guisa de preservar suas identidades. Então, João tem 16 anos e o conheço desde os 12 anos de idade. Seu histórico demonstra que seu diagnóstico foi realizado aos dois anos de idade. Já Mateus, que tem 15 anos, foi diagnosticado aos 11 anos, pois antes o diagnóstico dele era de hiperatividade e déficit de atenção (TDHA). É evidente a singularidade de cada um, não cabe ao educador definir o grau da deficiência, nem rotular a criança pelos seus estereótipos, o professor deve ter um olhar e se relacionar de maneira diferente, propiciar uma educação igualitária a todos, independente do aluno.

Os pais de João relataram que, no início quase não se ouvia falar em TEA, nos estudos feitos no Capítulo 1, na Seção 1.1, foi mostrado os avanços na legislação, quando em 2008 foi promulgada uma súmula pelo Ministério da Educação e Cultura, dando ênfase na inclusão de crianças no ensino regular. Essa conquista veio favorecer a inclusão escolar, pois apontou que educandos devem estar juntos para serem enriquecidos de fundamentos pedagógicos e didáticos, interagindo e associando, de diferentes maneiras, efetivando assim, a aprendizagem do aluno, independente de seu problema físico ou mental. Porém, foi visto que Mateus antes tinha somente o diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade, e seu Ensino Fundamental foi cursado em escola privada do Município de Vila Velha.

Ao tomar conhecimento desse relato da família de Mateus, surgiu outra preocupação com o ensino regular, que aborda uma igualdade, todavia, com visões diferenciadas entre escola pública e escola privada. Embora na Constituição de 1988; no artigo 206, inciso III, esteja previsto acerca do “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino”. No que diz respeito à Declaração de Salamanca, está impressa que “toda a criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem”. Nesse quesito observa-se a proposta de ensino da Escola “Pedro Herkenhoff”, que é a de desenvolver um trabalho coletivo contribuindo para a formação dos educandos, de modo a desenvolver competências e senso crítico, colocando-se enquanto sujeito na sociedade em que está inserido.

Assim a criança com diagnóstico com TEA deve ser estimulada desde a mais tenra infância, por meio da mediação pedagógica, onde deve haver um planejamento da ação, e

saber qual o objetivo que será atingido após a intencionalidade e sistematicidade do que vai ser desenvolvido. Diante desse contexto analisa-se como a criança com TEA se relaciona com o outro através da linguagem e dos comportamentos e movimentos que são interiorizados. João era agressivo com as outras crianças, de acordo com os relatos de sua mãe ele não brincava, só batia, era agressivo, agitado e não atendia aos chamados das pessoas que estavam a sua volta, além de não olhar nos olhos. Sendo tais comportamentos um alerta para os professores que precisam compreender em que etapa se encontra o processo de socialização da criança do TEA com os demais alunos da turma, tornando-se, portanto, uma busca para a autonomia e, conseqüentemente, a inserção no meio cultural.

Sabe-se que a BNCC permeia pontos relevantes para o desenvolvimento do educando, onde atitudes, habilidades e valores ajudam na formação do aluno, no Capítulo 2, na Seção 2.1, foi demonstrada essa abordagem da BNCC no currículo, em especial na disciplina de Ensino Religioso, onde a busca pela formação de preceitos morais e éticos foi contemplada. Já na Educação Infantil, o campo de experiências “O eu, O outro e o Nós”, no qual foi visto nos relatos de familiares que, tanto João quanto Mateus queria só o isolamento, não interagia com os outros coleguinhas de sala. Sendo esse um dos motivos que, especialmente fez a família de Mateus procurar ajuda médica para diagnosticá-lo, somado à falta de respostas às intervenções feitas pela antiga professora da escola privada.

Dessa maneira o espaço escolar deve ressignificar e perceber o indivíduo como sujeito, onde a aprendizagem do aluno portador do TEA é encaminhada num processo de interiorização daquilo que é ensinado. No qual o ensino e a aprendizagem se relacionam com a afetividade, refletida na motivação e interação com aluno. Assim, Piaget traz um estudo sobre os estágios dos desenvolvimentos intelectual e afetivo da criança. Mostra a importância da interação do profissional para o desenvolvimento afetivo, sentimentos intraindividuais, dentre eles, o afeto intuitivo, onde surgem os primeiros sentimentos morais, afeto normativo que demonstra o justo, o injusto e o sentimento ideológico que caracterizam ideais e objetivos coletivos.

A pesquisa também mostrou as aflições de familiares, a busca por acompanhamento especializado, no qual a família de João disse que a professora de Educação Especial acompanhava-o na Educação Infantil, alegando, inclusive, que João não teria capacidade de ampliar, a partir de onde se encontravam seus conhecimentos, trazendo frustrações e fazendo a família crer ter como único recurso às forças divinas para que isso não se concluísse “com a ajuda de Deus, que nunca me desamparou, e com terapias e medicações a atenção dele melhorou e eu, praticamente com o auxílio de terapeutas e professores, alfabetizei ele em

casa, com brinquedos educativos, jogos de memória, quebra-cabeça, letras, números, etc.” (fala da mãe de João).

Durante anos o portador do TEA foi pesquisado por diferentes áreas de estudos, tendo manifestações e com o apoio de familiares, profissionais da saúde e educação, liderança de movimentos pró-autista, foi criada em 2011 a primeira cartilha que auxilia no diagnóstico, e enfatiza a importância dos profissionais que atuam na primeira infância dessas crianças, e apontam que os maiores números de casos são em sexo masculino. Em 2012 foi sancionada uma lei específica do autismo, que é a Lei 12.764, no inciso 1, que está apresentada no Capítulo 1, na Seção 1.1, que trata dos avanços na legislação brasileira. Esses avanços são visíveis dentro da sociedade, como por exemplo, a importância de serviços com terapias, acompanhamento com fonoaudióloga, fisioterapeutas, psicopedagogo e outros profissionais, que buscam uma rotina mais tranquila para criança portadora do TEA. Hoje no Estado temos muitos grupos de apoio, como a Força Azul, AMAES, grupos que vêm proporcionando interação com as famílias, além de ampará-las.

As famílias são as que mais sofrem nesse processo de ensino e aprendizagem, pois além da busca contínua de cuidados específicos, elas precisam resgatar a autoestima e tolerar os desafios inerentes à continuidade e o progresso da criança. Por exemplo, a família de João relatou que seu processo de aprendizagem é mais lento que dos outros adolescentes, reconhece seu potencial, mas sabe da necessidade de estímulo em todas as áreas de sua vida, além de entender a importância e o desenvolvimento para sua própria independência. Já a família de Mateus relata que além das dificuldades comuns ao TEA, Mateus teve perda de audição, o que levou à necessidade de fazer cirurgia quando criança, causada por uma otite que se agravou durante o tempo.

Sabe-se que a audição interfere na fala da criança, pois se não ouve nitidamente, como falar corretamente, principalmente durante o início da oralidade? E é por meio da linguagem que o aluno se expressa. Para Vygotsky, a estrutura intelectual da criança se desenvolve com a linguagem, onde se percebe diferentes mudanças, por exemplo, desde pequena a criança balbucia emitindo sons, explorando suas necessidades. No caso de Mateus, com sua audição comprometida, houve um atraso considerável em sua fala. Assim, Vygotsky apresenta a Teoria da Zona Proximal do Desenvolvimento, em que a interação de uma criança com a outra criança, trazendo grandes avanços no seu desenvolvimento intelectual, no Capítulo 2, na Seção 2.2, esse assunto foi mais bem detalhado.

Diante dos estudos há grandes desafios a serem conquistados, tanto na escola quanto no meio religioso, nesse último item, chama a atenção o relato da família de Mateus, pois não

se sentiram acolhidos pelo o discipulado da igreja a qual frequenta. De acordo com estudos representados no Capítulo 1, na Seção 1.3, autismo e diversidade religiosa, apresentou a busca das famílias ao sagrado para o conforto espiritual. Mostra que a religião busca, através de sua autenticidade, se aproximar de cada um, sabendo da diversidade religiosa que embasa a sociedade, portanto, vemos diferentes pessoas, e nessa diversidade estão incluídas as pessoas portadoras do TEA, que muito têm a contribuir. Já para a família de João, a experiência descrita, é que a religião é a base para acalmar suas angústias e fazem elogios aos líderes religiosos e o grupo integrante que acolhe João onde ele participa.

Não só Piaget como Vygotsky vêm falar de afetividade, e nisso é verificado que muito se dá quando o professor ou outro profissional trabalha com a ação da afetividade. Pois, nesse caso, o desenvolvimento amplia, de maneira mais uniforme, o estabelecimento do afeto na interação com o outro. Por mais que vivamos em ambiente agitado, por muitas outras especificidades, vejo que dentro da Escola Pedro Herkenhoff há um atendimento visando as dificuldades e particularidades dos alunos, ou seja, as famílias, tanto de João como a de Mateus, fizeram elogios à escola. Relataram que os professores respeitam as limitações e têm feito adaptações das provas, dando apoio total nas dificuldades que vão surgindo.

No entanto, o que chamou a atenção foi a família de João relatar que sempre teve apoio, tanto da escola como da igreja que participa, mas, com o passar do tempo, foi deixando o próprio João caminhar com autonomia e, claro, sempre acompanhando-o. Todavia, consegui entender essa fala da família, pois vi em João o interesse na minha matéria, que é Ensino Religioso, percebi que ele associava a religião que professa com a disciplina, percebi que ele tinha um interesse diferenciado em relação aos outros alunos de sua turma, queria participar de todas as atividades propostas e sempre fazia comentários durante as aulas, mesmo que, por muitas vezes, os outros alunos não concordassem com seus comentários, mas eu conseguia visualizar suas argumentações e incluí-las na discussão que ocorria dentro de sala.

Percebo que por sempre trabalhar com a educação inclusiva, também criei uma afetividade que, talvez, antes eu não entendia que se tratava de um desenvolvimento positivo, explicado por teorias, mas vejo que esse aspecto engloba muito mais que a teoria educacional. Então, ao iniciar o ano letivo, busco conhecer os alunos, público-alvo da educação inclusiva, e já começo a ter em mente que meu olhar deve ser diferenciado para esses alunos, no Capítulo 2, na Seção 2.3, ensinar respeitando o outro, vem mostrar os ideais de Paulo Freire, educador que ensina que se deve buscar a igualdade entre as pessoas, reconhecer e compreender o nível de conhecimento de cada educando. Momento o qual estamos diante do diferente, mas não podemos excluir esse diferente, mas sim, trazê-lo para junto de nós e, a partir disso, ajudá-los

a ‘voar’ no mundo.

Com isso venho aprendendo muito, através do olhar reflexivo, da afetividade, dentro dos princípios éticos e morais, que devem ser a base da educação de qualidade. E o portador do TEA tem sido para mim, uma inspiração à compreensão do outro. Muitas vezes, talvez, este outro pode estar tão perto e, ainda assim, é possível não nos darmos conta de como é o seu ‘despertar’ para o desenvolvimento e o sofrimento com suas angústias. E, com a proposta da política pública do Clique na Diversidade Religiosa e Cultural que está no Capítulo 3, na Seção 3.2, trouxe um grande avanço na perspectiva da igualdade no ensino, pois com esse projeto foi visualizado o interesse do aluno pelo tema e sua eficiência em entender e querer participar, tendo sido contemplado com a publicação do trabalho, por dois anos (em anexo), e recebendo como premiação um tablete, nas duas vezes, em que participou.

Esse projeto só veio concluir que é possível a participação e a interação da criança autista na sociedade, onde são ofertadas diferentes ações para o indivíduo que aparentemente é normal, e muitos profissionais não buscam introduzir e incluir alunos com TEA nas demais atividades, trás uma rotulação que por muitos anos já vem sendo discutido entre equipes educacionais. E esse incentivo que eu com professora busquei amparar João nas suas dúvidas e incentiva-lo na participação do projeto que amadureceu toda essa pesquisa, pois com sua interação da procura, relatos, escrita, e interesse em participar do “Clique na Diversidade Religiosa e Cultural” onde são inscritos diversos alunos, e as inscrições são feitas anonimamente com pseudônimo, no qual não é revelado o aluno, onde tem como jurado integrantes da academia de letras Capixaba. Que torna o concurso ainda mais relevante dentro do município de Vila Velha.

São experiências que faz com que um professor acredite, a cada dia, em uma educação de qualidade, pois há grandes problemas que são gerados no decorrer da educação, mas também avanços em nosso trabalho e nas experiências compartilhadas. Com isso, a busca pelo entender a pessoa portadora do TEA me acompanha, intermitentemente, nesse percurso de estudo, onde aprendi a compreender e a buscar um método melhor para ensinar, criar interfaces e meios para, mais e mais, interagir e amar verdadeira e profundamente os discentes. Fato que talvez não tenha estado explícito na pesquisa, mas o agir com simplicidade e a atenção dada a um desses alunos vem sendo de grande importância na aprendizagem e na permanência deles no ambiente escolar, pois, com todas as dificuldades que temos, partilhei momentos em que Mateus se dirigia a mim de forma confiante, quanto se tornou perceptível à reciprocidade que jamais ninguém conseguirá vivenciar, só eu.

Com isso pretendo continuar avançando em meus estudos e na melhoria de minha

atuação como professora de Ensino Religioso e da Educação Inclusiva, buscando estar atenta às novidades que permeiam a área que atuo. Paulo Freire em seu livro Pedagogia da Autonomia disse que, “é preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz. Até que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.” Assim, pretendo continuar aplicando essa prática durante minha carreira profissional, ampliando a busca por uma atuação de qualidade na minha história de vida.



REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem: *O que é religião?* São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

_____. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papyrus, 2002.

AUTISMO e aprendizagem escolar: Lives NeuroSaber. Live com Dr. Clay Brites, 28'13", 22 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SRsXLkTQ7Iw>>. Acesso em 31 mar. 2020.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). *Educação é a Base*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BASTOS, Ana Cristina de Almeida Cavalcante. Formação do Professor do Ensino Religioso e os saberes necessários para uma educação inclusiva. In: III CONEDU. *Anais... Congresso Nacional de Educação*, 05 a 07 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA7_ID3549_15082016173211.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

BAPTISTA, Cláudio Roberto. *Autismo e educação: reflexão e proposta de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BARBOSA, Rafael Ribeiro Mansur. *Psiquiatria e psicanálise: para além de divergências e convergências*. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

BENVENUTI, Marcelo Frota Lobato; OLIVEIRA, Thais Porlan de; LYLE, Leticia Albernaz Guimarães. Afeto e comportamento social no planejamento do ensino: a importância das consequências do comportamento. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 368-377, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000300368>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BEZERRA, Marcos Ferreira. *A importância do método aba – análise do comportamento aplicada – no processo de aprendizagem de autistas*. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, ano 03, ed. 10, v. 06, p. 189-204, out. 2018. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aprendizagem-de-autistas>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020.

_____. *Lei n.º 12.764*, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei n.º 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

_____. *Lei n.º 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

_____. *Lei n.º 8.069*, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BROWN, Candy Gunther. Why I Do *Not* Use Contemplative Pedagogy in the Public University Classroom. In: JACOBY, Sarah; TINKLENBERG, Jessica (Eds.). *Contemplative Studie sand the Religious Studies Classroom*. Spotlighton Teaching. *ReligiousStudies News*. Atlanta: American Academy of Religion, 2019. Disponível em: <http://rsn.aarweb.org/sites/default/files/PDFs/Spotlight%20on%20Teaching/Contemplative_Pedagogy_and_the_Religious_Studies_Classroom.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer (Orgs.). *Autismo: construção e desconstrução*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. *Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

DALPRÁ, Liane Rossales. *Autismo e família: construindo entendimentos*. 2016. 60 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2016.

DAVID, Rodrigues (org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Salamanca: UNESCO, 1994.

EDAN. CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Discurso sobre Deficiência em Igrejas e Instituições Teológicas*. Disponível em: <<http://www.edan-wcc.org/programs/disability-discourse-in-churches-and-theological-institutions/>>. Acesso 21 fev. 2020.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do oprimido*, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GAUDERER, E. Christian, *Autismo, década de 80: Uma atualização para os que atuam na área, do especialista aos pais*. São Paulo: Sarvier, 1985.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

IDOETA, Paula Adamo. *Autismo: as descobertas recentes que ajudam a derrubar mitos sobre o transtorno*. G1. Ciência e Saúde, 16 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/16/autismo-as-descobertas-recentes-que-ajudam-a-derrubar-mitos-sobre-o-transtorno.ghtml>>. Acesso 28 fev. 2020.

ISABEL, Cristina Moura de Carvalho (org.). *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.* – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira. (Orgs.). *Lev Semionovich Vygotsky.* Recife: Editora Massangana; Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

JACOBY, Sarah. Contemplative Pedagogy and the Religious Studies Classroom. In: JACOBY, Sarah; TINKLENBERG, Jessica (Eds.). *Contemplative Studies and the Religious Studies Classroom. Spotlight on Teaching. Religious Studies News.* Atlanta: American Academy of Religion, jun. 2019. Disponível em: <http://rsn.aarweb.org/sites/default/files/PDFs/Spotlight%20on%20Teaching/Contemplative_Pedagogy_and_the_Religious_Studies_Classroom.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso: aspectos legal e curricular.* São Paulo: Paulinas, 2007.

KRAMER, Sonia. Infância, Cultura Contemporânea e Educação Contra a Barbárie. In: BAZÍLIO, Luis; KRAMER, Sonia. *Infância, Educação e Direitos Humanos.* São Paulo: Cortez, 2003.

KI-MOON, Ban. *Dia mundial de sensibilização para o autismo 2 de abril de 2009.* Nações Unidas Brasil [On-line]. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/dia-mundial-de-sensibilizacao-para-o-autismo-2-de-abril-de-2009/>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

KRONBAUER, Selenir C. G; SOARES, Afonso M. L. *Educação e religião: Múltiplos olhares sobre o ensino religioso.* Coleção Docentes em Formação. São Paulo: Paulinas. 2013.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl De; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão.* São Paulo: Summus, 1992.

LEAR, Kathy. *Ajude-nos a aprender: Um Programa de Treinamento em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido.* Manual de Treinamento em ABA. Parte 1. Trad. Margarida Hofmann Windholz *et al.* Toronto, 2004. Disponível em: <<http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. *Inclusão escolar. Pontos e Contrapontos.* Valéria Amorim Arantes (org.). São Paulo: Summus, 2006.

NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal de Direitos Humanos.* UNIC/Rio/005, jan. 2009. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DE ENSINO RELIGIOSO (FONAPER). *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso.* São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Bleuler e a invenção da esquizofrenia. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 158-163, mar. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142000000100158>. Acesso em: 03 fev. 2020.

PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: Construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PIAGET, Jean. *Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. Trad. e org. Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

RAMALHO, Lidiane Quirino; GOMES, Sebastiana Aparecida Vidal. A BNCC e as especificidades de crianças autistas no campo de experiências “EU, o outro e nós”. In: II CONBRALE – II Congresso Brasileiro sobre Letramento e Dificuldades de Aprendizagem. *Anais...* v. 1, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/revistas/conbrale/resumo.php?idtrabalho=76>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

RODRIGUES, Elisa; OLIVEIRA, Tânia Alice de. PIBID de Ensino Religioso: Uma proposta de educação para relações de equidade em contextos de diversidade religiosa. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 1, p. 73-86, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3171/pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

ROTH, Harold D. Contemplative Pedagogy. In: JACOBY, Sarah; TINKLENBERG, Jessica (Eds.). *Contemplative Studies and the Religious Studies Classroom. Spotlight on Teaching. Religious Studies News*. Atlanta, GA: American Academy of Religion, jun. 2019. Disponível em: <http://rsn.aarweb.org/sites/default/files/PDFs/Spotlight%20on%20Teaching/Contemplative_Pedagogy_and_the_Religious_Studies_Classroom.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2020.

SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo religioso: As religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SÃO PAULO. Núcleos Especializados da Infância e Juventude, de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito e do Idoso e da Pessoa com Deficiência da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. *Cartilha: Direito das Pessoas com Autismo*. 1. ed. Março de 2011. Disponível em: <<https://www.revistaautismo.com.br/CartilhaDireitos.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. 16. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. *Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI*. *Revista HISTEDBR*, Campinas, n. 3, jul. 2001. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis03/art1_3.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

SENA, Luzia (Org.). *Ensino Religioso e Formação Docente: Ciências da Religião e Ensino Religioso em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: Conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista de estudo da religião*, n. 2, p. 1-14, 2004. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 06 out. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SURIAN, Luca. *Autismo: Informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde*. São Paulo: Paulinas, 2010.

TELLES, Cynara Maria Andrade. *Autismo: Um acontecimento discursivo*. 2016. 195f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7479>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

TUSTIN, Frances. *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANEXOS

ANEXO 1



Andréia Ferreira Pimentel
 Mestrado Profissional em andamento em Ciências das Religiões
 Faculdade Unida de Vitória, UNIDA, Brasil
 Título: Autismo, Educação e Religião: desafios e expectativas
 Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Aluno: Mateus
 Idade: 14
 Idade da mãe: 39
 Idade do pai: 43

QUESTIONÁRIO

1. Com qual idade seu filho foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista? Qual foi o médico (a) e qual a especialidade dele (a)?

- Foi diagnosticado com TEA em 12/2016, antes era só a Hiperatividade e Déficit de Atenção.
- Dr^a Krissia W. Borlot- Especialista Neurologia Clínica Infantil.

2. Por quais motivos buscaram ajuda médica?

- O motivo principal, a falta de resposta a orientação da professora em sala de aula, no Sesc.

3. Como foi o início de sua infância, como eram as brincadeiras, se brincava com alguma criança ou adulto?

- Sem entrosamento (isolado)
- Sem brincadeiras com outras crianças ou adultos.

4. Como foi o aprendizado no início da alfabetização?

- Sem convívio social
- Falta de concentração.
- Coordenação motora comprometida.
- A fala também, pois ele tinha audição comprometida até aos 2 anos e 8 meses, quando foi operado a otite. Ouvia de 25 a 30%, segundo o otorrino.

5. Ele já ficou reprovado? Se sim, foi antes do diagnóstico?

- Não.
- O travamos o ano passado no 6º a sua repetência, por decisão dos pais.

6. A escola sempre ofereceu atendimento especializado? Como é hoje esse atendimento?

- Nas escolas anteriores isto não aconteceu.
- No Sesc pediram para nos retirar.
- Na Escolinha Alecrim ainda não tínhamos conhecimento do tamanho do desafio que Cristo nos colocou.
- No Pedro Herknhoff (apoio total)

7. A família participa de alguma religião? Como é o relacionamento com os demais membros da igreja?

- Sim. Católicos.
- Com dificuldades, pois os membros ainda não têm entendimento das barreiras que têm que ser superadas, dia a dia.

8. Em algum momento vocês buscaram ajuda espiritual, e tiveram resposta?

- Sim.
- Não. Pois vou exemplificar, queríamos que nosso filho participasse do catecismo. Mas, o nível de conhecimento dos catequistas não contribui em nada ao nosso filho, em idade, conhecimento pedagógico, paciência, conhecimento religioso e outros.

ANEXO 2



Andréia Ferreira Pimentel
 Mestrado Profissional em andamento em Ciências das Religiões
 Faculdade Unida de Vitória, UNIDA, Brasil
 Título: Autismo, Educação e Religião: desafios e expectativas
 Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Aluno: João
 Idade: 16
 Idade da mãe: 40
 Idade do pai: 41

QUESTIONÁRIO

1. Com qual idade seu filho foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista? Qual foi o médico (a) e qual a especialidade dele (a)?

- Ele foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista com 2 anos de idade. Foi a médica neurologista Dr^a Luziene.

2. Por quais motivos buscaram ajuda médica?

- A princípio foi pelo o seu comportamento que aos 2 anos não desenvolveu como as outras crianças da mesma idade, que se diz “normais” até porque 14 anos atrás quase não se ouvia em falar autismo. E os principais motivos, foi a fala que não se desenvolveu, agitação, agressivo com as crianças, não atendia chamado, parecia surdo. E não olhava nos olhos das pessoas.

3. Como foi o início de sua infância, como eram as brincadeiras, se brincava com alguma criança ou adulto?

- Difícil, muito difícil até os 2 anos tranquilo depois veio os sintomas ele vivia num mundo de fantasia e imaginações. Ele não brincava com as crianças, só batia e era muito agressivo com elas, onde tínhamos medo por essa agressividade. Para melhorar isso, eu levava as crianças para minha casa e brincava com eles, estimulando ele como se deveria brincar com as crianças. Agora com os adultos, sempre se relacionou bem, mostrando atenção por tempo, mas abraçava rápido e beijava no rosto, etc.

4. Como foi o aprendizado no início da alfabetização?

- O aprendizado dele foi na insistência e persistência, pois ele não se interessava por nada. Logo na creche com 5 anos a professora de educação especial me disse que a capacidade de aprendizado dele tinha se esgotado. Com ajuda de Deus que nunca me desamparou, com terapias e medicações, a atenção dele melhorou e eu praticamente com auxílio de terapeutas e professores, alfabetizei ele em casa, com brinquedos educativos, jogos de memória, quebra-cabeça, letras, números e etc.

5. Ele já ficou reprovado? Se sim, foi antes do diagnóstico?

- Não. Ele nunca ficou reprovado, o processo de aprendizado é mais lento dos demais adolescentes da mesma idade, mas ele tem um potencial incrível, que tem de ser explorado e estimulado, constantemente, as fases da idade vão passando mas ele ainda é autista, então a estimulação em todas áreas de sua vida é muito importante para seu desenvolvimento e sua independência.

6. A escola sempre ofereceu atendimento especializado? Como é hoje esse atendimento?

- Sim. A escola atual sempre nos deu um suporte especializado, dando a ele espaço para conseguir as suas notas sozinho, no desenvolvimento seu aprendizado. Eu sempre falei a ele que poderia fazer tudo o que as outras pessoas fazem, em todas as áreas de sua vida, deixei que ele se esforçasse para isso, se não conseguisse não tinha problema, pelo menos ele tentou. E ele levou esse ditado ao pé da letra. Os professores também respeitam as suas limitações e, quando necessário, algumas provas são adaptadas para que ele possa fazer sozinho.

7. A família participa de alguma religião? Como é o relacionamento com os demais membros da igreja?

- Sim. Somo evangélicos. Excelente, além de ser acolhido como irmão em Cristo, o grupo o qual ele faz parte que é os dos adolescentes, respeitam as suas limitações. E como tem 10 anos que congregamos na mesma igreja os irmãos ficam maravilhados com seu desenvolvimento, sua independência, que toda a honra e glória sejam dadas ao Senhor Jesus.

8. Em algum momento vocês buscaram ajuda espiritual, e tiveram resposta?

- Sempre. Não só ajuda, mas também socorre mesmo, como diz Salmos 46:1 “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro resente na angustia”. Deus é minha fortaleza, amigo, pai e até aqui ele me ajudou e sustentou em todas as áreas da minha vida, e me sinto privilegiada por ser escolhida por Ele para cuidar dos meus filhos que são bem dele. Porque nossos filhos são herança do Senhor, não o criamos para o mundo, mas sim para Deus. A resposta é benção de ser mãe dele. Eles são benção do Senhor na minha vida.

ANEXO 3

Projeto de fotografia e escrita: “*Clique da Diversidade Cultural e Religiosa*” no Município de Vila Velha:



A diversidade nas igrejas

Nas igrejas, existem diversas religiões é um templo onde temos um contato espiritual com Deus. Ele não faz acepções de pessoas. As portas estão abertas para todas as religiões, como: católica, evangélicos, dentre outras.

Geralmente a igreja é um lugar, que todos independente de raça e cultura, se é pobre ou rico, as pessoas vão para buscar uma paz que só encontramos em Deus, que é a paz espiritual.

Também existem igrejas que hoje são monumentos históricos, onde tem chamado atenção de diversas pessoas, para passeios turístico e isso enriquece a memória cultural da cidade e do nosso estado.

UMEF - Pedro Herkenhoff
Professora Orientadora: Andreia Ferreira Pimentel
TEXTO PREMADO

Deus é um só

Se Deus é um só, porque há tantas diversidades religiosas? As diversidades existem porque somos diferentes, na nossa forma de pensar, agir, nos costumes, culturas e muitas vezes nos tornamos intolerantes no que achamos.

Hoje existem várias igrejas para todos os tipos de crenças, raças e culturas. A escolha é pessoal, essas igrejas vêm contribuindo para o crescimento cultural religioso do nosso estado, mas é pela fé que independente de nossas indiferenças que nos aproximamos do amor de Deus. Deus nos vê de uma forma única e plana e seu amor é incondicional.



UMEF - Pedro Herkenhoff
Prof. Orientadora: Andreia Ferreira Pimentel